

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 03 a 08 de novembro de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUES DA SEMANA

O noticiário semanal de mineração não traz nenhum destaque relevante. O Cenário é de quedas nos preços das commodities e de alta no “Custo Brasil”. Para a mineração brasileira, em particular, não há alvíssaras, apenas uma agudização dada crise de incertezas, que se agravou sobremaneira com o cenário pós-eleitoral. Como nosso objetivo aqui sempre foi o de encontrar oportunidades e aspectos positivos para o Setor Mineral, até nas entrelinhas do noticiário negativo, só nos resta aguardar. A situação é tão tensa que, mesmo ficando na “espreita”, ninguém sabe se é caça ou caçador...

Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-03/11/2014

A mina de ouro dos contratos públicos

À procura de soluções inovadoras para os desafios mais urgentes, governos devem estimular desenvolvimento de maneira estratégica e horizontal

Ricardo Hausmann

Ouro é raro. Mais de 99,9% da crosta terrestre é composta de dióxido de silício, alumínio, cálcio, magnésio, sódio, ferro, potássio, titânio e fósforo. Portanto, ao longo da história humana, a humanidade ficou muito entusiasmada quando descobriram ouro. Apesar das consequências ambientais sérias da extração do minério, incluindo poluição por mercúrio e cianeto e a devastação de paisagens, a humanidade não desistiu de procurá-lo – e parece improvável que isso aconteça tão cedo. Mas há uma mina de ouro simbólica – mais segura e potencialmente tão lucrativa quanto a verdadeira – que a maioria dos países possui, mas poucos escolhem explorar completamente: os contratos públicos.

Os potenciais efeitos adversos dos contratos públicos são conhecidos. Podem permitir que as empresas cobrem preços abusivos por produtos de má qualidade e serviços não confiáveis, facilitando a corrupção, o abuso de poder e o desperdício. Para diminuir esses riscos, a maioria dos países implementou requisitos para abrir processos de licitação e regras de transparência estritas para aquisições públicas. De fato, a maior parte dos acordos de livre comércio recentes exige que os signatários abram seus contratos públicos uns para os outros, e o Banco Mundial publica os nomes das firmas barradas por fraude ou corrupção de participação de licitações em projetos financiados pela entidade. Países que prescindem de processos abertos acabam se envolvendo em diversos tipos de roubos em grande escala, como os que foram verificados na Venezuela e, possivelmente, na Ucrânia, sob o governo do presidente deposto, Viktor Yanukovich.

Mas sob todo este arsênico há ouro. Na maioria das produções modernas está envolvido não só o custo de fazer as coisas, mas também o custo de descobrir como fazê-las. Antes que os fabricantes de aeronaves possam produzir e vender um novo modelo de avião, devem gastar bilhões de dólares ao longo de uma década ou mais de desenvolvimento – gastos que mais tarde devem ser compensados. Se eles não tivessem certeza de que haveria mercado para o novo modelo, poucos assumiriam esses gastos. É onde entram os contratos públicos.

Em 1946, por exemplo, o governo dos Estados Unidos emitiu um contrato para a Boeing desenvolver o B-52. O governo obviamente não queria que a companhia entregasse um avião comum; queria a primeira aeronave de bombardeiro estratégico com motor a jato. Afinal de contas, o segundo melhor exército em uma guerra é perdedor. O contrato, portanto, teve que refletir os riscos inerentes em descobrir como projetar e produzir o avião mais avançado de seu tempo. Mas os benefícios da aquisição governamental excederam o seu objetivo específico quando a Boeing usou o conhecimento que adquiriu desenvolvendo o B-52 para criar o seu avião comercial B-707. Embora o governo nunca tenha promovido propositalmente o desenvolvimento de aviões comerciais, a sua aquisição de aeronaves militares tecnicamente avançadas, de alta qualidade, foi essencial para a emergência da indústria aeronáutica americana, líder global. Simplificando: descobrir como fazer alguma coisa continuamente torna mais fácil fazer outras coisas. Desta forma, um governo exigente em relação à qualidade de suas aquisições pode ter um impacto poderoso na evolução da vantagem comparativa de seu país.

O governo de Israel teve um efeito similar através dos seus esforços para gerenciar os seus limitados recursos hídricos. Digamos que o país gasta 100 de alguma unidade por causa da escassez de água. As inovações que o governo incentiva, como sistemas de irrigação por gotejamento e dessalinização, não apenas reduzem o custo doméstico da escassez para, digamos, 70, mas também sustentam uma indústria que, vendendo seus produtos nos mercados mais exigentes, agrega um valor global de mais de mil. Neste sentido, a escassez de água em Israel tornou o país mais rico do que seria sem o problema. Da mesma forma, os investimentos militares de Israel geraram um conjunto de soluções que, com empenho extra, tiveram aplicações civis úteis e lucrativas. Isto ajuda a explicar por que o investimento privado em pesquisa e desenvolvimento constitui uma fatia maior do Produto Interno Bruto (PIB) em Israel do que em qualquer outro lugar do mundo.

A lição aprendida com a compra de armas pode ser aplicada em outro setor. Os governos têm procurado soluções para os desafios mais urgentes de suas sociedades. Dado que os problemas de um país raramente são singulares, soluções inovadoras podem impulsionar indústrias globalmente competitivas – até mesmo dominantes. E soluções para um problema podem ter aplicações em outras áreas.

Isto deve servir de modelo à América Latina na sua busca por melhorias no sistema educacional. Atualmente, os oito países latino-americanos que fazem a prova do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), estão entre os quinze piores dos 65 países participantes.

Em vez de gastar quantidades gigantescas de dinheiro em sistemas de ensino de fraco desempenho, os governos latino-americanos devem sem dúvida estar interessados em

soluções inovadoras, como o uso do tablet em sala de aula, que pode ajudar os professores a fornecer lições eficazes, monitorar o progresso dos alunos e identificar estratégias para fazê-los melhorar. Além de melhorar o desempenho das crianças, essas iniciativas poderiam impulsionar uma indústria globalmente competitiva de ferramentas de ensino tecnologicamente avançadas.

Esses são apenas alguns exemplos do valor que pode ser extraído da mina de ouro dos contratos públicos. Comprometendo-se em adquirir grandes quantidades de produtos de alta qualidade para solucionar grandes desafios nacionais, os governos podem encorajar organizações privadas, públicas ou mistas a encarregarem-se dos custos fixos de buscar soluções. Em muitos casos, os benefícios dessas soluções vão se estender para muito além do seu objetivo original.

Mas, seguindo esse caminho, os governos devem se lembrar de que a mineração é uma indústria potencialmente perigosa, da qual devem se aproximar com cuidado. Para este efeito, poderiam começar aplicando, digamos, 5% do seu orçamento destinado aos contratos públicos para desenvolver soluções urgentemente necessárias em áreas com mercados globais potencialmente grandes. Afinal de contas, qualquer coisa que valha a pena fazer, vale a pena fazer melhor.

Ricardo Hausmann, ex-ministro do Planejamento da Venezuela e ex-economista-chefe do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), é professor de economia na Universidade de Harvard, onde também é diretor do Centro para o Desenvolvimento Internacional.

Fonte: Veja

2-03/11/2014

Paranapanema reverte prejuízo com lucro de R\$ 131 milhões no trimestre

Por **Ivo Ribeiro e Thaís Carrança** | De São Paulo

Depois de três trimestres de perdas seguidas, a fabricante de produtos de cobre Paranapanema voltou ao lucro. Na sexta-feira, após fechamento do mercado, a companhia divulgou o balanço do período julho-setembro, reportando um ganho de R\$ 131 milhões. Um ano atrás, a empresa teve prejuízo de R\$ 35 milhões.

Ao mesmo tempo, a direção da Paranapanema, como já havia sinalizado, informou aos investidores em ações da empresa cinco indicadores com metas de desempenho da empresa até 2018. Esses indicadores integram o programa de reorganização das operações da companhia (na gestão administrativa, comercial e operacional), que tem o suporte, por um ano, desde julho, da consultoria Galeazzi & Associados.

Christophe Akli, presidente da empresa, em entrevista ao **Valor**, destacou que o resultado foi fruto de vários fatores, como o aumento do uso da capacidade da usina de metalurgia de catodos em Dias D'Ávila (BA), a redução de custos fixos e gerais, o dólar

mais forte (a empresa está exposta ao mercado mundial de commodities), ganho no resultado financeiro, desconto na compra de concentrado de cobre (matéria-prima), melhorando o prêmio de transformação, entre outros. Além da mudança de cultura, passando a ser mais ativa comercialmente.

O resultado financeiro positivo em R\$ 112 milhões, ante perda de R\$ 129,7 milhões um ano antes, contribuiu para a reversão na linha final do balanço. Influuiu sobre esse resultado, dentre outros fatores, a variação cambial e o reconhecimento contábil de juros e atualização monetária sobre processos judiciais ganhos e ativos recuperados. A política de hedge de câmbio, adotada em janeiro, informou Akli, ajudou a reduzir volatilidade no resultado.

A empresa registrou queda de 5% na receita líquida, para R\$ 1,23 bilhão. Uma ano atrás, segundo disse, a Paranapanema fez muita arbitragem com produtos importados. Neste ano, isso desapareceu. "Foi só produto nosso".

Na mesma base de comparação trimestral, a fabricante reportou recuo de 8% na produção de cobre, para 121 mil toneladas. Todavia, o volume de vendas manteve-se estável em 71 mil toneladas.

A empresa informou ainda que reduziu em R\$ 91 milhões seu plano de investimentos para 2014, de R\$ 194 milhões para R\$ 103 milhões. "Estamos priorizando o aumento da utilização da capacidade instalada e afastando novos investimentos em expansão de capacidade até que sejam necessários", destacou a companhia. Segundo a diretoria, dentro da nova estratégia, vai manter o capex em manutenção das operações no patamar anual de R\$ 120 milhões, o correspondente a 100% da depreciação.

Thiago Alonso de Oliveira, diretor financeiro e de RI, apontou que as margens de ganhos no lucro bruto e no Ebitda - que alcançou R\$ 109 milhões -, vêm mostrando uma boa evolução. No caso do Ebitda, foi de 5,2% no primeiro trimestre para 8,8%.

Para Akli, a boa notícia é que a margem média do Ebitda no ano ficou em 7%, dentro do planejado, e que agora há muito trabalho pela frente para ampliá-la.

Os indicadores de desempenho, até 2018, segundo ele, são elementos para os investidores acompanharem o trabalho da companhia. Na produção de catodo, por exemplo, prevê atingir plena capacidade de 290 mil toneladas até lá. No custo de transformação, busca baixar de R\$ 2.047,00 a tonelada vendida para R\$ 1.748,00, devendo gerar uma redução de R\$ 90 milhões nesse item ao ano. A empresa definiu guidances também para despesas de vendas, gerais e administrativas (queda de 20% no período), capex em manutenção e para retorno sobre capital empregado.

3-03/11/2014

Com recuo de commodities, PIB terá alta menor

Por **Ligia Guimarães e Ana Conceição** | De São Paulo

Se a recente queda de preço das commodities agrícolas e metálicas se prolongar ao longo de 2015, a economia brasileira poderá crescer ainda menos que o previsto no ano que vem, segundo análise de economistas ouvidos pelo **Valor**.

A Nomura Securities, por exemplo, estima em relatório divulgado semana passada que o recuo prolongado de preços faria o Produto Interno (PIB) do Brasil crescer 1,8% no próximo ano, em vez de 2,1%, estimativa que é o cenário-base da instituição. De acordo com a Nomura, 70% das exportações do Brasil são commodities, com minério de ferro, soja e petróleo bruto sendo os três principais produtos.

Sílvio Campos Neto, economista-sênior da Tendências Consultoria Integrada, destaca que, embora as matérias-primas em geral sejam relevantes na pauta exportadora, o Brasil seria mais sensível à queda dos preços dos minérios. A previsão da consultoria é que os preços do minério fechem 2014 com queda de 10%. Para Campos Neto, os preços não devem se recuperar no ano que vem, porque há excesso de oferta no mercado global. "Isso certamente não favorece uma recuperação dos preços, o que limita a possibilidade de melhora da balança comercial no curto prazo."

A queda nas cotações das commodities piora também a relação entre a evolução do preço das exportações e das importações, os chamados termos de troca, que têm sido favoráveis ao Brasil nos últimos anos, diz Rafael Bacciotti, da Tendências. O avanço dos termos de troca na última década estimulou o acúmulo de recursos vindos do exterior para financiar o aumento das importações no país, o que permitia o crescimento da absorção doméstica (consumo, investimento e gastos públicos) em ritmo mais rápido que o do PIB.

"Esse crescimento explicável pelo acúmulo de poupança externa não deve acontecer nos moldes que acontecia antes", diz Bacciotti. Segundo ele, o cenário mudou. A perspectiva de que a China em desaceleração comprará menos commodities do que antes transformou o que até agora foi estímulo externo em limitador do crescimento brasileiro. "A renda deve se expandir de maneira mais alinhada ao PIB nos próximos anos. Isso é um desafio, porque não teremos mais o boom de commodities e o fluxo de capitais também deve se reduzir", diz.

O cenário de menos recursos externos entrando no país ajuda a explicar a previsão da Tendências de desvalorização do câmbio nos próximos meses. A moeda americana deverá terminar 2015 em R\$ 2,79, depois de fechar este ano a R\$ 2,58. "Isso tem como fundamentos tanto a alta global do dólar, com expectativa de início de ajuste da política monetária americana, quanto a questão das commodities e dos termos de troca que não serão tão favoráveis como nos anos anteriores", diz Campos Neto.

A Nomura prevê o dólar a R\$ 2,70, impulsionado pela necessidade de compensar a queda dos termos de troca. "Se um choque de preços de commodities leva a um menor fluxo de recursos para o Brasil, forçando déficit em conta corrente menor, então a moeda teria de se desvalorizar ainda mais", observa.

O cenário para as matérias-primas agrícolas, como soja e milho, também é desanimador do ponto de vista das exportações brasileiras, avalia Fábio Silveira, da GO Associados. Segundo ele, a cadeia produtiva agrícola já começa a sentir os efeitos da desvalorização dos preços. Só a soja -o Brasil exporta entre US\$ 25 bilhões e US\$ 35 bilhões por ano - acumulou queda em torno de 50% em apenas cinco meses de 2014. "Começou no segundo trimestre e caiu como um paraquedas", diz Silveira.

Para ele, a principal causa da baixa nos preços dos alimentos vem do comportamento do mercado financeiro, e não de questões de oferta e demanda global. A baixa é influenciada, principalmente, pela percepção dos investidores de que os juros americanos subirão em 2015, em um momento em que as safras agrícolas ao redor do mundo oferecem excedente de produção.

"Temos o mundo financeiro interferindo bastante na formação dos preços agrícolas. É, sobretudo, a fuga de investidores desse mercado migrando para títulos de renda fixa", diz Silveira. Ele prevê que os preços da soja caiam 15% em 2014 e outros 15% no ano que vem.

A baixa nos alimentos pode, por outro lado, favorecer o processo desinflacionário no Brasil. Na avaliação da Nomura, preços menores nas chamadas soft commodities (basicamente agrícolas) poderiam ter impacto positivo na inflação, criando espaço para uma resposta contracíclica a uma eventual desaceleração da economia. Já uma queda prolongada nos preços dos metais teria um impacto relativo maior no crescimento e no nível do câmbio, projeta a consultoria. De forma geral, "os preços das commodities têm impacto direto nas exportações e nos níveis de investimentos", diz o relatório.

A Nomura, nas suas previsões, usa o índice CRB, que mede a variação de uma cesta de 19 commodities, entre alimentos, energia e metais. No cenário montado pela consultoria, após o recuo de quase 10% no terceiro trimestre, o CRB cairia mais 10% no quarto trimestre (até agora caiu 3%) e ficaria nesse nível ao longo de 2015, o que implica queda de 12% no ano que vem, na comparação com 2014.

Para o minério de ferro, Silveira prevê que os preços continuem em queda ao longo de 2015 e cheguem à faixa de US\$ 90 a tonelada, após fechar 2014 em torno de US\$ 95. "O biênio 2014-2015 será o fundo do poço de várias commodities, ainda tem uma pressão que vai se propagar para o ano que vem", diz Silveira, que explica que a queda nos metais é reflexo da baixa nos preços das outras commodities, além de uma ampliação da oferta australiana.

Os preços do petróleo, prevê a GO Associados, devem cair 7% na média em 2014, fechando em torno de US\$ 100, e sofrer nova queda, de mais 10%, no ano que vem.

Apesar disso, o óleo deve influenciar positivamente a balança comercial em 2015, segundo Silveira, já que há expectativa, no Brasil, de aumento da produção e da exportação e de alguma redução da importação.

"O petróleo começou a ter aumento de produção no Brasil e já está em ritmo mais acelerado", diz. Mesmo com a queda dos preços do óleo, o efeito do petróleo tende a ser positivo para o comércio exterior brasileiro. A projeção da GO Associados, em fase de revisão, é de superávit comercial de US\$ 3 bilhões em 2014 e US\$ 6 bilhões em 2015.

4-03/11/2014

USIMINAS LANÇA PROGRAMAS DE ESTÁGIO 2015

Estudantes dos níveis técnico e superior terão a oportunidade de vivenciar situações reais de trabalho e ampliar a visão do escopo da sua formação.

Líder do mercado nacional de aços planos e um dos maiores complexos siderúrgicos da América Latina, a Usiminas está com inscrições abertas para os Programas de Estágio 2015. O objetivo é identificar potenciais talentos para o futuro, buscando o desenvolvimento de profissionais em formação no nível superior e nível técnico. As vagas de nível superior são para estudantes de diversos cursos como Administração, Sistemas de Informação, Ciências da Computação,, Direito e Engenharias de Produção, Elétrica, Mecânica e Metalúrgica, entre outros. Para o estágio de nível técnico, podem se inscrever alunos de Técnico em Mecânica, Elétrica, Mineração e Química, entre outras opções. As inscrições podem ser realizadas até o dia 16 de novembro por meio do site www.usiminas.com.

São três diferentes oportunidades de ingressar na Usiminas por meio dos Programas de Estágio. O estágio regular é voltado para estudantes do nível superior e tem duração de 1 ano. Para estas vagas, o aluno precisa estar regularmente matriculado e ter previsão de formatura até dezembro de 2015. Já o estágio de férias é customizado para atrair alunos de universidades localizadas em cidades distantes das plantas industriais da empresa. Também direcionado para profissionais em formação no nível superior, tem duração de 2 meses e é realizado no período de recesso escolar. Para estudantes dos cursos profissionalizantes estão abertas as inscrições para o estágio nível técnico, que abrange alunos regularmente matriculados e com previsão de formatura para março de 2016. As vagas serão distribuídas em todas as unidades da Usiminas em Ipatinga (MG), Cubatão (SP), Itatiaiuçu (MG), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), entre outras localidades.

A iniciativa é uma importante porta de entrada para a empresa e também para o mercado. Os participantes terão oportunidade de vivenciar situações reais de trabalho e ampliar a visão do escopo da sua formação. As inscrições estão abertas até o dia 16/11/14. O processo seletivo acontece durante os meses de novembro e dezembro

Programas de Estágio Usiminas 2015 | Inscrições até 16 de novembro | Mais informações pelo site: www.usiminas.com.

Fonte: Portal Fator Brasil

5-03/11/2014

Hora de juntar os cacos

Por **Gustavo Loyola-Valor**

A campanha de reeleição de Dilma nada deixou em pé, exceto o apertado triunfo da presidente nas urnas. A campanha desconstruiu muito mais do que apenas os adversários de Dilma. Implodiu o pouco que restava (se é que restava algo) da credibilidade da política econômica e fez desmoronar as expectativas dos agentes econômicos. A desconstrução operada por João Santana, com o beneplácito da presidente, contribuiu para criar uma herança maldita para a própria Dilma, que terá agora de juntar os cacos para lidar com os graves desafios da economia.

Na visão fantasiosa e maniqueísta difundida pela campanha governista, a atual estagnação econômica do Brasil se deve apenas à crise externa e impecável tem sido a política econômica de Dilma. Nessas condições, não haveria necessidade de ajustes e, portanto, aqueles que os defendem seriam economistas maléficis da oposição que querem acabar com as conquistas sociais do povo brasileiro que, na ficção petista, são obra direta dos governos Lula e Dilma. Com isso, a substituição do ministro Mantega, anunciada de forma precipitada pela presidente em plena campanha, caiu no vazio, já que, pelo tom da campanha, nada haveria de ser mudado com sua saída do ministério.

Por outro lado, o princípio da independência formal do Banco Central foi estigmatizado num reclame odioso em que esse avanço institucional virou sinônimo de entrega do BC aos banqueiros e da retirada implacável do pão da mesa das famílias mais pobres. Já a defesa por Armínio Fraga da necessidade de responsabilidade fiscal serviu de pretexto para a campanha petista taxar os "tucanos" de partidários do arrocho salarial e da interrupção das políticas sociais do governo.

É essencial corrigir no curto prazo os desequilíbrios nos mercados de energia e de petróleo

Ocorre que a economia não pode ser "trabalhada" pelos marqueteiros, como eles se jactam fazer com o imaginário dos eleitores. Os problemas da economia brasileira pertencem ao mundo real e, na ausência de mudanças substanciais na política econômica, tenderiam a se agravar de forma inexorável em 2015, prenunciando mais um ano de pífio crescimento do PIB e de elevada inflação, o que afetaria mais seriamente o mercado de trabalho.

Nesse contexto, a subida dos juros pelo BC na última reunião do Copom, - fato de certa maneira surpreendente tendo em vista as manifestações anteriores do BC - pode ser vista como um primeiro sinal de que o governo, sem medo de contradizer o discurso de campanha, teria passado a buscar algum tipo de ajuste na política econômica, para evitar

que a inflação saia do controle pressionada pelo mercado cambial e pela alta dos preços administrados.

No entanto, ainda é obviamente muito cedo para comemorar uma inflexão do BC em busca da convergência mais rápida para o centro da meta de inflação. O mercado somente se convencerá disso se a condução da política monetária nos próximos meses mantiver coerência com a obtenção desse objetivo, já que a elevação recente da Selic pode ter tido o propósito apenas de ancorar as expectativas em torno do teto da meta (6,5%). A propósito, é irônico pensar que, se a candidata Dilma Rousseff não tivesse demonizado a independência do BC, poderia ser muito mais fácil readquirir a credibilidade da política monetária e fazer convergir as expectativas dos agentes econômicos para o centro da meta, o que aceleraria a queda da inflação.

Contudo, a maior preocupação no curto prazo continua sendo a política fiscal que nos últimos anos perdeu transparência e vigor, a ponto de o Brasil estar ameaçado de perder o grau de investimento dado pelas agências de classificação de risco à nossa dívida soberana. Alguma coisa terá que ser feita logo, caso o governo queira evitar este verdadeiro desastre.

O problema é que os atuais dirigentes do Tesouro carecem de credibilidade por serem contumazes artífices da contabilidade criativa. Além disso, há pouco espaço para um corte adequado de despesas, tanto nas rubricas de custeio quanto nas de investimento. Restaria, então, recorrer ao aumento de impostos e contribuições, como, aliás, já está sendo antecipado em notícias divulgadas na imprensa. Neste caso, mais uma vez, recolhidos os pandeiros e os tamborins, o governo será impelido a fazer aquilo que demonizava em seus adversários na eleição. Porém, da mesma forma que na política monetária, também no campo fiscal as frustrações sucessivas com promessas não cumpridas irão tornar mais difícil e demorado o restabelecimento da confiança dos agentes econômicos

Cabe assinalar que, embora a plena e crível reintrodução do "tripé macroeconômico" seja um passo relevante e necessário para a retomada da confiança, a saída do estado de torpor da economia brasileira exigirá muito mais do governo. De forma especial, é essencial no curto prazo a correção dos desequilíbrios nos mercados de energia elétrica e de petróleo e a melhora do quadro regulatório para os setores de infraestrutura, além do enfrentamento, no médio prazo, da grave questão do custo Brasil.

Gustavo Loyola, doutor em economia pela EPGE/FGV, foi presidente do Banco Central e é sócio-diretor da Tendências Consultoria Integrada, em São Paulo

6-03/11/2014

Desaceleração da economia chinesa vai afetar outros países, apontam economistas

Cai exportação de minério de ferro de Brasil e Austrália. Na Coreia do Sul, eletrônicos são impactados por menor demanda

WASHINGTON - A forte economia da China puxou, por anos, o resto do mundo, absorvendo petróleo, minério de ferro e outras commodities de países em desenvolvimento e automóveis e produtos de luxo exportados pela Europa. Mas o papel do país como motor do mundo está se desfazendo enquanto sua economia desacelera.

E muitas outras nações, na visão de economistas, vão sentir os efeitos disso. Uma pesquisa da Associated Press com 30 economistas revelou que 57% deles esperam que a desaceleração da economia chinesa vai restringir o crescimento em países do Brasil e Chile à Austrália e Coreia do Sul. A exceção notável é os Estados Unidos, visto pelos especialistas como “isolado” dos problemas chineses.

O crescimento da China, que já foi “explosivo”, está mais lento em parte devido aos esforços do governo do país para restringir seu setor imobiliário especulativo e direcionar a economia para o gasto do consumidor. No terceiro trimestre de 2014, a economia chinesa expandiu 7,3% em relação ao mesmo período de 2013 — o ritmo mais lento desde 2009.

Uma taxa de crescimento acima de 7% causaria inveja à maior parte das grandes economias do mundo. Mas, para a China, isso marca uma forte desaceleração depois de três décadas de expansão de dois dígitos. Na última semana, grupo privado de pesquisa econômica Conference estimou que o crescimento do país seria de apenas 4% em 2020.

Os efeitos do ritmo mais lento na economia da China já reverberam pelo mundo. O Brasil e a Austrália estão vendendo menos minério de ferro, um ingrediente-chave para a produção de aço, ao passo que o boom da construção no país oriental pisa no freio. Já o Chile está exportando menos cobre e a Indonésia registra queda nas vendas de petróleo e madeira.

Com os consumidores chineses comprando menos smartphones ou optando por modelos alternativos mais baratos feitos no próprio país, as exportações de eletrônicos da Coreia do Sul estão enfraquecidas e seu crescimento está comprometido.

O consumo menos aquecido também ameaça as marcas de luxo europeias. Sung Won Sohn, uma economista da California State University estima que um terço dos relógios suíços são exportados para a China, que é o mercado da Mercedes-Benz e da BMW com o crescimento mais rápido.

Por outro lado, os EUA seriam pouco afetados porque suas fabricantes de automóveis vendem muito na China, mas quase toda a produção é feita no país oriental. Ou seja, pouco contribui para a economia americana, segundo Sohn. O mesmo acontece com muitos outros produtos de marcas americanas. Por isso os Estados Unidos estão relativamente protegidos dos problemas chineses.

— É difícil ver uma desaceleração na China ter um impacto realmente significativo na economia dos Estados Unidos, exceto um colapso completo — disse o economista da Capital Economics, Paul Ashworth.

O preço do petróleo já caiu mais de 25% nos últimos meses, em parte pelo fato de a China estar usando menos a commodity, reduzindo, assim, a demanda global. Com a demanda menor, o preço médio da gasolina nos EUA caiu US\$ 0,33 em outubro. O preço médio ficou abaixo de US\$ 3 neste fim de semana pela primeira vez em quatro anos.

Robert Johnson, um economista do serviço de investimento Morningstar, observou que os EUA estão se recuperando gradualmente da crise de 2008 mesmo com o enfraquecimento chinês. Ainda assim, se o crescimento da China desacelerar significativamente, isso vai eventualmente diminuir o ritmo de avanço dos EUA.

— A China é um mercado muito grande. Cedo ou tarde, nós sentiremos o impacto — afirmou Sohn.

Fonte: O Globo

7-04/11/2014

CPRM REALIZA OFICINA DE PLANEJAMENTO PARA PROJETOS NO SUL E SUDESTE

O encontro teve como objetivo definir escopo técnico e o planejamento operacional dos projetos que irão compor o Plano Anual de Trabalho (PAT) 2015-2018, do Serviço Geológico do Brasil (CPRM) para nas Regiões Sul e Sudeste. O encontro reuniu profissionais das Superintendências Regionais de São Paulo e Porto Alegre.

Entre os projetos discutidos na área de geologia está o estudo da Borda Sul do Escudo Rio-Grandense, no Rio Grande do Sul; na área de recursos minerais, a integração de dados e reavaliação do potencial mineral do Vale do Ribeira, em São Paulo, explica Marco Túlio Naves de Carvalho, assessor da Diretoria de Geologia e Recursos Minerais.

A reunião contou com a presença do chefe do Departamento de Recursos Minerais, Francisco Valdir da Silveira; o chefe do Departamento de Geologia, Reginaldo Alves dos Santos; Edivaldo Corrêa, superintendente de Planejamento e Métodos; Edvaldo Côrrea de Assis; José Carlos Garcia; superintendente de São Paulo; José Leonardo Silva Andriotti, superintendente de Porto Alegre; Neovaldo Teixeira, assessor da DGM; e os gerentes de Geologia e Recursos Minerais das unidades regionais envolvidas, Elizete Domingues Salvado(SP); e João Ângelo Toniolo (PA).

Fonte: CPRM

8-04/11/2014

INSTITUTO TECNOLÓGICO VALE MONITORA BACIA DO RIO ITACAIÚNAS

O projeto Monitoramento dos Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do rio Itacaiúnas, desenvolvido pelo Instituto Tecnológico Vale (ITV), foi tema de oficina realizada pelos pesquisadores da instituição ligada à mineradora na semana passada. O evento reuniu pesquisadores, estudantes de mestrado do ITV e representantes de órgãos ambientais e de instituições governamentais das esferas Estadual e Federal.

Durante o encontro, foi assinado o Acordo de Cooperação Técnica entre o ITV, o governo do Estado, por meio da Secretaria de Meio Ambiente do Pará (Sema), e a Agência Nacional de Águas (ANA). O convênio tem por finalidade estabelecer à cooperação mútua entre os participantes na implantação de ações de integração e modernização da rede hidrometeorológica na área da bacia hidrográfica do rio Itacaiúnas, na região sudeste do Pará.

O acordo estabelece que o ITV e a Sema sejam responsáveis pela instalação, operação e manutenção dos equipamentos das oito estações que irão coletar dados no rio Itacaiúnas. Caberá à ANA, o suporte técnico e a disponibilização das informações coletadas pelo projeto em sua página na internet.

Para o representante da ANA, Pedro Cunha, "a importância do estudo se deve à precisão dos dados que serão coletados e medidos pelas estações hidrometeorológicas", disse.

O diretor Científico do ITV, José Oswaldo Siqueira, falou da importância do estudo e da parceria formalizada durante o encontro. "Projetos como este, que enfocam recursos naturais, ganham força e fazem parte da estratégia da Vale. O convênio nos permitirá desenvolver uma base de dados e ferramentas que vão contribuir para que possamos usar os recursos naturais de forma cada vez mais sustentável", afirmou.

O Sudeste do Pará, onde está localizada a bacia hidrográfica do Itacaiúnas, é a região que concentra a maior parte das unidades de negócios da Vale no estado. No ano passado, a empresa reutilizou 75% de água empregada nas suas operações. Com isso, a mineradora deixou de captar um bilhão de metros cúbicos de água.

José Alberto Colares, Secretário de Estado de Meio Ambiente, disse que "quando uma iniciativa como esta faz parte da matriz de custo de uma empresa, faz parte da estratégia do empreendimento, do seu plano de negócio, significa dizer que nós estamos mudando a cultura, estamos fortalecendo as instituições, significa dizer que criamos um ciclo virtuoso e isso transforma a sociedade, isto é constituir a sustentabilidade".

Desde o ano passado, o ITV realiza esse estudo de monitoramento, que tem por objetivo acompanhar e conhecer o funcionamento do conjunto de rios dessa bacia hidrográfica, localizada na região de Carajás. Com base nos dados coletados, é possível aprimorar o uso das águas fluviais nas operações da empresa e ajudar a cuidar da qualidade da água que se deixa de captar.

"Primeiro, vamos entender como funciona o sistema hídrico instalando uma rede de monitoramento à distância com oito estações de análise em pontos estratégicos, que vão transmitir dados instantâneos via satélite. Em seguida, vamos desenvolver a pesquisa,

sempre visando a preservação", explica o geólogo e pesquisador do ITV, Roberto Dall'Agnol, que coordena o estudo.

As atividades técnicas do projeto são desenvolvidas em parceria com a ANA, a Sema e Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM).

As três primeiras estações já estão instaladas na área dos projetos de cobre Sossego (Canaã dos Carajás) e Salobo (Marabá), e de níquel Onça Puma (Ourilândia). Segundo o pesquisador do ITV, Renato Silva Júnior, os benefícios para as operações da Vale e para a sociedade, a partir da conclusão do projeto, serão muitos.

"Para a empresa, será possível obter informações integradas sobre a disponibilidade de água. Já a Defesa Civil poderá, por exemplo, prever as cheias de rios, como o Parauapebas e o Itacaiúnas", disse Renato. A previsão é que, até o final do primeiro semestre de 2015, as cinco estações restantes também estejam instaladas.

A bacia do rio Itacaiúnas abrange uma área de 42 mil quilômetros quadrados e abastece dez municípios paraenses: Água Azul do Norte, Canaã dos Carajás, Curionópolis, Eldorado dos Carajás, Marabá, Parauapebas, Piçarra, São Geraldo do Araguaia, Sapucaia e Xinguara. A população de todas essas cidades soma, aproximadamente, 573,3 mil habitantes, segundo senso realizado em 2012 pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). As informações são da Vale.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

9-04/11/2014

CIDADE SE PREPARA PARA CRESCER COM MINERAÇÃO E SANEAMENTO

Nordestina, cidade situada na região do Sisal (342 km de Salvador), atravessa num período de desenvolvimento com a instalação de uma mina para extração de diamantes, a Lipari Mineradora, que deverá iniciar atividades em 2015 gerando 3 mil empregos diretos. Nordestina faz parte do grupo de 50 municípios com população inferior a 50 mil habitantes beneficiadas com o programa Sanear Mais Bahia. O programa visa, entre outros objetivos, garantir melhores condições de vida às populações que residem em cidades com baixos índices de desenvolvimento. O município, não conta com tratamento, sendo o efluente despejado a céu aberto. Esse foi um dos principais problemas levantados durante a oficina de capacitação do Programa Sanear Mais Bahia que reuniu membros do poder público e da população.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

10-04/11/2014

SEMINÁRIO DE SIMULAÇÃO APLICADA À MINERAÇÃO E METALURGIA

Evento apresenta as principais ferramentas de simulação computacional, casos reais de aplicações e os benefícios que essas soluções proporcionam a estes setores

Um dos principais desafios das indústrias de mineração e metalurgia é desenvolver equipamentos com alta eficiência e baixo custo de manutenção, e reduzir os gastos com desgaste e perdas de matéria-prima. Para contorná-los, empresas como a Vale, Anglo American, Tenova e TUNRA Bulk Solids apostam nas ferramentas de simulação computacional para aumentar a produtividade, reduzir os custos e o tempo de desenvolvimento de novos projetos. O II Seminário de Simulação Aplicada à Mineração e Metalurgia apresenta casos de usos da simulação no setor para estas indústrias e os principais benefícios conquistados por mineradoras, fornecedores de equipamentos, empresas de engenharia e EPCistas.

O evento acontece no dia 17 de novembro de 2014 em Belo Horizonte (MG), no período da manhã (das 8h às 12h).

O seminário é voltado para profissionais que atuam na área de projeto e manutenção de equipamentos nas indústrias de mineração e metalurgia e acadêmicos que desejam conhecer as ferramentas de simulação e os principais benefícios da aplicação nessas áreas. O evento irá apresentar como garantir um rápido retorno de investimento, casos de uso de simulação em projetos pela Vale e a Anglo-American e os benefícios das ferramentas que utilizam o Métodos dos Elementos Finitos e Método de Elementos Discretos (DEM) aplicadas na solução de problemas e dimensionamento de equipamentos.

As inscrições para o II Seminário de Simulação Aplicada à Mineração e Metalurgia são gratuitas e podem ser feitas acessando link abaixo. As vagas são limitadas. O evento é promovido pela ESSS - Engineering Simulation and Scientific Software.

Serviço

II Seminário de Simulação Aplicada à Mineração e Metalurgia

Data: 17 de novembro de 2014

Horário: das 8h às 12h

Local: Mercure Lourdes Hotel (Av. do Contorno, 7315 - Bairro de Lourdes – Savassi – Belo Horizonte/MG)

Fonte: Brasil Engenharia

11-04/11/2014

BELO HORIZONTE SEDIARÁ WORKSHOP DA ABB PARA SETOR DE MINERAÇÃO

Companhia vai apresentar sua expertise e as inovações tecnológicas desenvolvidas para toda cadeia de produção, que contribuem para alcançar os objetivos de crescimento, segurança e produtividade das mineradoras.

A ABB, líder em tecnologias de energia e automação, vai promover nesta terça-feira (04/11), um workshop de apresentação do portfólio de serviços e produtos desenvolvidos pela companhia para atender a área de mineração. O evento reunirá mineradoras e empresas de consultoria do setor, e será realizado no Museu das Minas e do Metal, em Belo Horizonte.

Minas Gerais se destaca no setor de mineração, pois é responsável por aproximadamente 53% da produção brasileira de minerais metálicos e 29% de minérios em geral. E a ABB, como referência global de soluções inovadoras e de alta tecnologia, busca proporcionar a melhor solução ao cliente, seguindo os mais rígidos padrões de qualidade.

Durante o encontro, entre os principais tópicos a serem abordados, se destacam as soluções de acionamentos de baixa e média tensão, motores elétricos de imãs permanentes aplicados em mineração, bem como alternativas para garantir disponibilidade e confiabilidade no sistema e na manutenção de motores e geradores.

Segundo Marcelo Palavani, Gerente Geral da Unidade de Negócios de Drives & PLC da ABB no Brasil, a companhia oferece soluções voltadas à cadeia completa de produção primária na mineração e processamento de minerais. Com sua vasta experiência e conhecimento da indústria de mineração, tem profissionais altamente qualificados que atuam em todas as fases do projeto para garantir o melhor resultado. “A ABB dispõe de uma área de negócios focada em desenvolver tecnologias e serviços para esse setor. Algumas dessas tecnologias serão destaque no evento.”, ressalta.

Durante o workshop, os participantes poderão saber mais sobre produtos como o inversor ACS880, de baixa tensão, e o ACS2000 de média tensão. O primeiro é um dos destaques do novo portfólio de drives projetados para ser totalmente compatíveis com praticamente todos os tipos de processos, sistemas de automação, usuários e necessidades de negócios, além de atender a qualquer faixa de potência. Além da simplicidade de programação, instalação e manutenção, a principal característica do inversor é o controle direto de torque (DTC).

A inovação contida no conceito de “totalmente compatível” está na nova arquitetura de drives que simplifica a operação, reduz o consumo de energia, proporcionando maior eficiência energética, e aumenta a produtividade com flexibilidade e simples utilização. Diversos softwares para aplicações específicas foram desenvolvidos para possibilitar a flexibilidade de adaptação dos programas a necessidades específicas. Esses programas

ampliam as possibilidades da aplicação, minimizam o consumo de energia e aumentam a segurança de operação. Além disso, reduzem a necessidade de PLC e incluem proteções para a máquina e otimização da produtividade da aplicação.

Já o ACS2000 é o mais recente membro da família de inversores CA de média tensão da ABB fabricados no Brasil. Proporciona confiável controle do motor para diversas aplicações. Foi desenvolvido para garantir alta segurança de operação. É de fácil instalação e comissionamento, proporcionando a redução do custo total do projeto. Conta com tecnologia Active Front End (AFE), que minimiza harmônicos do lado da rede sem o uso transformadores isoladores especiais, com a vantagem de correção do fator de potência e regeneração de energia. Para atender à demanda local, a produção do ACS2000 foi iniciada na nova unidade do grupo, em Sorocaba, SP.

Na constante busca por novas tecnologias, a área de Motores e Geradores destacará os motores elétricos de ímãs permanentes síncronos para aplicações de baixa velocidade. Esta aplicação requer o acionamento por inversor de frequência e garante a melhor solução técnica em termos de eficiência energética, redução de espaço e peso, redução dos custos de instalação e redução dos custos de manutenção.

Será apresentado também o mais novo conceito em motores elétricos, a linha NXR. Estes motores serão fabricados no Brasil e acompanham a atualização de todas as linhas de motores elétricos de indução de média e alta tensão da ABB. Suas principais características incluem a melhor relação entre potência x rotação x carga, alto rendimento e flexibilidade de formas construtivas, podendo ter a caixa de ligação principal e acessórios modificados conforme a necessidade do cliente. Esses diferenciais simplificam a instalação e geram alta confiabilidade através da robustez dos motores de ferro fundido.

O portfólio de motores ABB se completa com a linha de baixa tensão dedicada para aplicações em mineração. Esses motores já incluem em seu modelo padrão os principais acessórios exigidos pelas maiores mineradoras do mundo, assegurando o bom desempenho e a conformidade dos produtos ABB com os requisitos mais severos encontrados em diversas aplicações em nível global.

A ABB também vai apresentar novidades na área de serviços voltados para motores e geradores, responsável por máquinas elétricas rotativas. Com instalações nas unidades de Sorocaba e Betim, a ABB realiza reparo e análise da vida remanescente desses equipamentos, independentemente de sua marca ou procedência, com a missão de sempre fornecer soluções inovadoras com a melhor relação custo-benefício.

A ABB (www.abb.com) é líder em tecnologias de energia e automação que permitem aos clientes de concessionárias, indústrias, e transporte e infraestrutura melhorarem seu desempenho, ao mesmo tempo em que reduzem o impacto ambiental. O Grupo ABB de empresas opera em cerca de 100 países e emprega aproximadamente 145.000 pessoas.

Fonte: Segs

12-04/11/2014

BHP também defende mantra do 'menos é mais'

Por **Alexis Flynn e Andrew Peaple | The Wall Street Journal**

A BHP Billiton PLC é a maior mineradora do mundo em valor de mercado, com operações em 25 países. E qual foi uma das primeiras recomendações do diretor-presidente ao conselho, logo ao entrar na empresa, seis anos atrás? Desmembrá-la.

Agora, Andrew Mackenzie, ex-acadêmico da área de geologia e executivo do setor de energia, está prestes a conseguir o que queria. Nos últimos meses, a mineradora anglo-australiana revelou planos para desmembrar ativos dos quais quer se desfazer em setores como alumínio e manganês, inclusive os ativos de alumínio da BHP no Brasil, e vendê-los. Os ativos podem valer US\$ 18 bilhões como negócio autônomo, segundo analistas.

Mackenzie disse em entrevista ao The Wall Street Journal, da sede da BHP próxima à Victoria Station, em Londres, que a cisão, que deve ser concluída no próximo ano, mostra que o objetivo da BHP não é ficar cada vez maior. Quando uma empresa decide se concentrar em ativos de grande porte, "há muita simplificação", disse o executivo, que tem 57 anos.

A BHP reduzida vai se concentrar em quatro áreas principais: minério de ferro, petróleo e gás, cobre e carvão. Ela também poderá incluir o potássio, mineral utilizado principalmente como fertilizante. Mackenzie planeja concentrar as atividades futuras da companhia em apenas 12 grandes ativos no mundo todo, menos que os 30 existentes antes da divisão.

A cisão é uma iniciativa que cada vez mais companhias, em especial as de recursos naturais, estão adotando para aprimorar seus negócios e tornar os lucros mais previsíveis. Há três anos, a grande petrolífera americana ConocoPhillips se dividiu em duas empresas, uma de exploração e produção de petróleo e a outra de refino e venda de combustíveis.

"A complexidade aumenta com muitos produtos, muitas coisas e culturas variadas na organização", disse Mackenzie. Em contraste, seu antecessor, Marius Kloppers, tentou fazer duas enormes aquisições durante seu mandato de seis anos, a da mineradora Rio Tinto PLC e a da canadense Potash Corp. of Saskatchewan Inc.

Uma BHP mais enxuta não é uma ideia que agrada a todos. Sua ação caiu 4,9% em Londres em 19 de agosto, o dia em que a cisão foi anunciada. Ela terminou o pregão de ontem sem alteração, a 1.610,50 libras esterlinas.

"Os principais beneficiários da cisão proposta devem ser a multidão de consultores que, sem dúvida, exigirão uma compensação significativa para ajudar a estruturar os

acordos", diz Paul Gait, analista de mineração da empresa de pesquisas Sanford C. Bernstein.

A linha de ação de Mackenzie também contrasta com a da mineradora concorrente Glencore PLC, que se aproximou recentemente de outra gigante, a Rio Tinto PLC, propondo uma fusão de US\$ 160 bilhões. A Rio Tinto rejeitou a oferta.

Para a BHP, esses negócios gigantescos estão "efetivamente fora do plano", disse Mackenzie.

"Até certo ponto, a ideia [de uma fusão] Glencore-Rio Tinto é um contraponto para nós", disse Mackenzie. "Veremos quem tem razão, creio."

À medida que a BHP vai eliminando divisões, a empresa também está se voltando mais para o petróleo e o gás. Mackenzie, ex-executivo da petrolífera BP e cuja tese de doutorado ainda é usada por geólogos na prospecção de petróleo, disse que a BHP tem a capacidade necessária para concorrer com as principais petrolíferas.

A BHP já é um dos maiores investidores de ativos de xisto dos Estados Unidos, opera plataformas de petróleo em águas profundas do Golfo do México e possui grandes blocos de exploração perto de Trinidad e Tobago, nas Antilhas.

"No xisto, no petróleo e gás no oceano, nessas áreas somos tão grandes como as maiores e temos uma capacidade técnica igual à delas e, em alguns casos, melhor", disse ele.

Segundo o executivo, a empresa poderia usar a experiência adquirida na mineração em suas perfurações para prospectar hidrocarbonetos.

"Há mais sinergias entre cobre, potássio, carvão, minério de ferro e a exploração de petróleo e gás que escolhemos do que as que existem entre o petróleo e gás oceânico e o refino ou a petroquímica ou postos de gasolina que vendem barras de chocolate", disse Mackenzie.

A BHP tem enfrentado problemas com ativos de xisto. Esta semana, a empresa decidiu vender uma área na região de xisto de Fayetteville, no Estado americano de Arkansas, dois anos depois que a queda no preço do gás natural a obrigou a realizar a baixa contábil de US\$ 2,84 bilhões dos quase US\$ 5 bilhões pagos pela área à Chesapeake Energy, em 2011.

Mackenzie tem atraído críticas por não gerar mais lucro para os investidores por meio de recompra de ações. Alguns investidores esperavam que a cisão fosse acompanhada por um grande retorno em caixa.

Mas ele insiste na necessidade de um balanço forte, agora que os preços das commodities estão tão voláteis.

"Somente quando tivermos excesso de caixa é que vamos entrar no debate de que você está falando, e devemos sinalizar isso mais fortemente", disse Mao líder da BHP.

Com os preços dos minerais completamente sob pressão, a BHP já reduziu seus investimentos em um terço no ano fiscal encerrado no fim de junho, para pouco mais de US\$ 15 bilhões, nível que planeja baixar ainda mais este ano.

Por enquanto, a companhia vai centralizar seus investimentos em cobre e em petróleo e gás. A empresa ainda tem importantes ativos que pode desenvolver mais, como seu projeto de cobre e urânio Olympic Dam, na Austrália, ou seu projeto de potássio Jansen, no Canadá.

Mas, segundo Mackenzie, não é provável que sejam feitos anúncios de "megainvestimentos", já que a empresa prefere continuar fazendo aplicações de recursos pequenas e graduais nos seus projetos existentes.

13-04/11/2014

Múlti prevê fase difícil para preços do minério

Por **Marcos de Moura e Souza | De Belo Horizonte**

Castellari, presidente no Brasil: "Outras empresas vão ter muita complicação nos novos projetos; vai haver ajuste forte e a Anglo já sofreu o que tinha de sofrer"

O presidente da Anglo American no Brasil, Paulo Castellari, prevê um período de baixa nos preços do minério de ferro em 2015. Se confirmada, a curva coincidirá com primeiro ano cheio de produção do sistema Minas-Rio, o maior empreendimento de minério do mundo da companhia anglo-sul-africana, orçado em US\$ 8,8 bilhões.

"Acreditamos que a vai ter um período difícil de preço pelo próximo ano", disse o executivo ontem à tarde, em encontro com a imprensa, em Belo Horizonte, onde fica a sede do grupo no país.

O primeiro embarque de minério do Minas-Rio ocorreu em 25 de outubro. Até o fim do ano, estão previstos outros dois, ambos em dezembro; e em janeiro, mais dois ou três.

Com a demanda chinesa a um ritmo menos frenético do que de alguns anos atrás e com a perspectiva de entrada de minério de ferro mais barato no mercado - tanto do Brasil quanto da Austrália -, o cenário pintado pela Anglo American é de um inevitável ajuste no setor.

"Se você olhar grandes produtores no Brasil, muitos não vão aguentar US\$ 80 por tonelada. Vão ter de postergar projetos, pensar um pouco mais. No caso da Anglo American, a gente já tinha alocado o nosso capital. Tudo o que a gente teve que 'sofrer' com os nossos acionistas a gente já sofreu", disse Castellari ao **Valor**. O executivo lembra que em questão de um ano, os preços do minério de ferro caíram pela metade.

"Eu acho que outras empresas vão ter muita complicação para os novos projetos. Vai haver um ajuste forte."

Na visão de Castellari, um aumento dos preços deve começar a aparecer não antes de um ano ou um ano e meio. "Não acho que a gente vá ver muito movimento de preço em 2015."

Quando adquiriu o Minas-Rio de Eike Batista, a Anglo American herdou contratos de longo prazo para fornecer minério de ferro para clientes no Oriente Médio e na China. E a avaliação de Castellari é que a demanda pela matéria-prima do aço continuará sendo puxada por países que demandam infraestrutura. "A gente sabe qual é o índice de urbanização da China. E outros países também vão começar a crescer. O Brasil tem que começar a crescer também", disse.

As previsões dele sobre a economia doméstica não são otimistas para 2015. "A nossa expectativa é conservadora, de manutenção do que a gente vê hoje. A economia andando de lado. As pessoas têm de recuperar confiança", afirmou. "E eu acho que nesses próximos seis meses são chave, o governo tem que trabalhar com os símbolos. Tem de dar alguma mostra."

O Minas-Rio produz minério a um custo que varia entre US\$ 33 e US\$ 35 a tonelada do produto úmido - preço FOB no porto de Açu, em São João da Barra (RJ). O minério sai dos municípios de Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, em Minas Gerais, e segue por um mineroduto de 529 km até o porto. Os trabalhos da Anglo começaram em 2008.

Castellari define o Minas-Rio como um "ativo de primeira linha", o qual conta com um "depósito de classe mundial".

Mas o projeto sofreu adiamentos e revisões orçamentárias. E o presidente admite que não se trata de um negócio "simples de ser remunerado". Castellari, no entanto, afirma que o empreendimento será um grande gerador de caixa dada o tamanho e qualidade do depósito.

A tarefa da empresa é atingir a produção de 26,5 milhões de toneladas - capacidade nominal -, o que deve acontecer em 18 a 20 meses. O horizonte seguinte é atingir, com a mesma estrutura e investimentos não muito representativos, 30 milhões de toneladas, segundo o executivo.

A fase de início de operação do Minas-Rio coincidiu com uma drástica seca, o que ajuda a alimentar críticas e dúvidas sobre o uso de água no mineroduto. "É um tema sensível. Parou de chover, ficou mais sensível ainda. Mas não existe nenhum outro modo de transporte mais seguro e sensato do ponto de vista ambiental e social do que o mineroduto. A gente tem que trabalhar com os órgãos reguladores e a sociedade para desmistificar essa questão."

14-04/11/2014

Após pior outubro desde 1998, governo já flexibiliza discurso Por **Lucas Marchesini** | De Brasília

Godinho diz que é preciso "aguardar o resultado de novembro, que será decisivo para a confirmação do resultado positivo"

O resultado da balança comercial em outubro, negativo em US\$ 1,177 bilhão, aprofundou o rombo nas transações comerciais com o exterior para US\$ 1,871 bilhão no acumulado do ano e levou o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic) a rever seu discurso em relação ao desempenho para 2014.

Até hoje, a pasta estava confiante em um superávit no saldo anual entre vendas e compras internacionais. Agora, segundo o secretário de Comércio Exterior, Daniel Godinho, é necessário "aguardar o resultado para novembro que será decisivo no sentido da confirmação do resultado positivo". Ele acrescentou que, por enquanto, a previsão de superávit está mantida. Nos últimos 12 meses, a balança comercial está superavitária em US\$ 2,519 bilhões.

De acordo com Godinho, três fatores serão cruciais para um superávit da balança comercial. Ele começou a lista com "a possibilidade de uma melhora na conta petróleo principalmente em função do aumento da produção" nos últimos meses do ano.

Em seguida, o secretário indicou uma "possível melhora dos preços de minério de ferro e da quantidade exportada desse produto" no último bimestre de 2014. Por fim, há também a necessidade de uma "continuidade do aumento das exportações de carne". A venda do produto cresceu 5% no acumulado do ano e 11% só em outubro.

Godinho descartou um impacto da desvalorização do real frente ao dólar nessa análise, porque, segundo ele, estudos internacionais e a experiência do próprio ministério mostram que há um atraso grande no impacto de uma mudança no patamar do câmbio nas exportações. "Em conjunto, o fator cambial não pode ainda ser revertido em prol das exportações brasileiras", avaliou o secretário.

O resultado para o mês foi o pior desde 1998, quando houve déficit de US\$ 1,443 bilhão. No mês passado, houve queda de 19,7% na média diária das exportações e de 15,4% na quantidade importada por dia útil.

Em números absolutos, os embarques internacionais de mercadorias saíram de US\$ 22,821 bilhões para US\$ 18,330 bilhões. Esse resultado se deve a uma queda de 30,3% nas vendas de manufaturados, uma retração de 15,4% nos embarques de básicos e um recuo de 1% nas exportações de semimanufaturados.

Para os produtos manufaturados, as maiores quedas aconteceram em plataformas de petróleo, que passou de US\$ 1,9 bilhão em outubro do ano passado para US\$ 93 mil no

mês passado, óleos combustíveis (queda de 62,4%) e automóveis de passageiros (retração de 52%).

Em relação aos produtos semimanufaturados, as principais retrações foram observadas nas vendas de óleo de soja em bruto (52,7%), ouro em forma semimanufaturada (30,4%) e açúcar em bruto (3,8%). Entre os básicos, os recuos mais expressivos aconteceram com soja em grão (55,6%), minério de ferro (41,3%) e milho em grão (30,2%).

A queda de preço nos minério de ferros - 40% na comparação entre outubro de 2013 e 2014 - levou a China a perder o posto de principal parceiro comercial brasileiro em outubro para os Estados Unidos. No acumulado do ano, porém, os chineses continuam à frente dos EUA.

Já a queda nas importações, de US\$ 23,051 bilhões para US\$ 19,507 bilhões em números absolutos, se deve a recuo nas compras internacionais de combustíveis e lubrificantes (que retrocederam 36,2%), bens de consumo (queda de 14%), bens de capital (recuo de 12%) e matérias-primas e intermediários (queda de 9,3%).

Sobre a conta petróleo, Godinho analisou que "mantido o ritmo de importações, podemos terminar [com um déficit da conta petróleo] na casa dos US\$ 15 bilhões. Esse é um dos fatores fundamentais que explicarão o resultado do ano". Até o momento, o saldo é negativo em US\$ 13,773 bilhões. No mesmo período do ano passado, era de US\$ 18,903 bilhões.

15-04/11/2014

MMX reporta prejuízo líquido de R\$1,891 bi no 2º tri



Reuters – 17 horas atrás

SÃO PAULO (Reuters) - A mineradora MMX informou nesta segunda-feira prejuízo líquido de 1,891 bilhão de reais no segundo trimestre de 2014, ante prejuízo de 441,5 milhões de reais no mesmo período do ano passado.

"Este resultado no trimestre é fundamentalmente consequência do teste de recuperabilidade de ativos realizado pela companhia no 2IT4, desdobrando em um reconhecimento de impairment (baixa contábil) de 1,807 bilhão de reais", afirmou a companhia em nota nesta segunda-feira.

A baixa contábil é relativa ao valor remanescente contabilizado para as operações correntes e para o projeto de expansão da unidade Serra Azul de sua subsidiária MMX Sudeste Mineração, que se encontra em processo de recuperação judicial, disse a empresa em fato relevante na semana passada

O atraso na divulgação das demonstrações financeiras do segundo trimestre, publicado apenas agora em plena temporada de resultados do terceiro trimestre, decorreu, segundo a empresa, do entendimento da administração de que tal divulgação deveria não somente contemplar informações financeiras relativas ao período, mas também a revisão do plano de negócios da companhia.

"No cenário de retração de preços vigente no mercado, a viabilidade de novos projetos de minério de ferro passa a ser questionada mundialmente e a capacidade da Companhia em atrair novos sócios que possam dar continuidade ao Projeto de Expansão de Serra Azul é sensivelmente afetada", disse.

A empresa do grupo de Eike Batista acrescentou que as atividades operacionais da mineradora permanecem interrompidas na presente data.

"A companhia esclarece que a paralisação das atividades na mina de Serra Azul mostrou-se necessária em decorrência não somente da prolongada retração dos preços do minério de ferro no mercado internacional, mas também em função de restrições operacionais impostas pelo órgão ambiental do Estado de Minas Gerais", frisou a MMX, acrescentando estar empenhada em buscar uma solução junto às autoridades.

Para fazer frente às demandas deste cenário, a companhia implementou uma série de medidas que buscaram preservar o caixa da empresa.

"Mediante concordância do acionista controlador e sujeito à ratificação do seu Conselho de Administração, a MMX ajuizou em 16/10/2014... pedido de recuperação judicial... da sua subsidiária MMX Sudeste Mineração S.A...", afirmou, ressaltando que o pedido configurou-se como a alternativa mais adequada diante da situação econômico-financeira da companhia.

(Por Roberto Samora)

16-04/11/2014

Potencial subterrâneo é alternativa à escassez de água

Rafael Geyger

A crise hídrica sem precedentes que atinge o Estado de São Paulo pode ser amenizada com a exploração sustentável de águas subterrâneas. É o que defende o doutor em

Geociências Bruno Conicelli, pesquisador do Centro de Pesquisas de Águas Subterrâneas da Universidade de São Paulo (USP).

Desde o início do ano, a falta de chuvas vem fazendo despencar o nível dos principais reservatórios utilizados para o abastecimento público. No Sistema Cantareira, o índice de 12,8% registrado na quarta-feira, 29, era três vezes menor do que o percentual do mesmo dia em 2013, quando marcou 37,4%. A situação se repete nos demais pontos de captação, como no Alto Tietê e na represa Guarapiranga.

Para Conicelli, o que ocorre em São Paulo reflete uma tendência em regiões metropolitanas densamente povoadas. Ele avalia que cenários de escassez hídrica vão se repetir, seja pela falta de qualidade dos recursos disponíveis ou pelo agravamento dos eventos climáticos extremos, como as estiagens prolongadas.

“Devemos ter em mente que cada gota de água disponível é importante, portanto aspectos como a redução do consumo, reuso de água, aproveitamento de água da chuva, cobrança pelo uso da água e gestão do território, dentre outros, devem ser pensados de forma integrada”, sugere Conicelli.

Conforme o pesquisador, o papel da água subterrânea em tempos de escassez hídrica é ainda mais estratégico, pois os aquíferos podem dispor de água por longos períodos, mesmo em tempos prolongados de estiagem. Além disso, ele destaca a vulnerabilidade à contaminação das fontes superficiais. “A demanda por água de qualidade cresce à medida que a população aumenta e o país se desenvolve”, alerta.

Água subterrânea: como explorar

As águas subterrâneas, contudo, também não estão livres de contaminação, e essa é uma das principais preocupações quanto a sua exploração em larga escala. Conicelli afirma que, como ocorre com qualquer recurso renovável, é preciso seguir uma série de regras e metodologias para garantir o seu uso sustentável: com disponibilidade ao longo do tempo e sem afetar sua qualidade.

Para se perfurar poços tubulares, por exemplo, é preciso obter outorga pelo órgão gestor, assegurando o controle quantitativo e qualitativo dos usos da água. Também se deve observar o perímetro imediato de proteção, não perfurar próximo de rios poluídos ou fontes potenciais de poluição e realizar o monitoramento da qualidade das águas, além de tamponar poços desativados para evitar que se tornem caminhos de contaminação.

Entraves para a exploração

O uso das águas subterrâneas para o abastecimento público em larga escala só é viável se os aquíferos forem bons “produtores” de água. O problema, conforme Conicelli, é que os reservatórios da Região Metropolitana de São Paulo não permitem que poços explorem uma grande vazão.

“Esse fator inibe que as concessionárias explorem as águas subterrâneas de forma intensa, fazendo isso de maneira localizada somente onde a rede superficial não alcança. As águas subterrâneas na região são utilizadas basicamente por usuários privados”, explica.

Em sua análise, uma alternativa a ser considerada é a complementaridade entre as águas subterrâneas e superficiais. Para tanto, defende que haja planejamento, preparando as cidades e as atividades econômicas para o aumento gradual do uso da água subterrânea.

“Em muitos casos, a gestão integrada das duas manifestações do mesmo recurso hídrico tem que ocorrer sob pena de colocar em risco a segurança hídrica ou o encarecimento econômico, social e ambiental dos produtos associados à água”, opina.

O pesquisador considera que o custo vem caindo e não é impeditivo para a exploração dos reservatórios subterrâneos. Cita, inclusive, que as águas subterrâneas geralmente tem um valor final menor que fontes regulares de água superficial, pois não necessitam de tratamento - embora sejam menos competitivas em razão da baixa vazão.

“O recurso subterrâneo é excelente para o abastecimento de médias e pequenas cidades e, eventualmente, grandes cidades, mas isso é raro”, diz. “Estimamos que mais de 50% das cidades brasileiras têm seus abastecimentos públicos feitos de forma total ou parcial por fontes subterrâneas”, acrescenta.

Fonte: Terra

17-04/11/2014

Governo dá carta branca para Manabi ‘arredar’ Estrada Real

Estado é a favor de licença, mas Ministério Público cobra mais estudos sobre os impactos

Em meados do século XVIII, a Coroa Portuguesa determinou que todo ouro e diamante só sairia de Minas Gerais por trilhas outorgadas pela realeza. A esses caminhos, que ligavam a antiga Vila Rica (Ouro Preto) ao Rio de Janeiro, deu-se o nome de Estrada Real. São 1.600 km construídos manualmente e emoldurados por cultura e natureza exuberantes. Se depender do governo de Minas Gerais, pelo menos 8,5 km dessa história serão deslocados para dar passagem a um projeto que inclui mina e mineroduto de 511 km que a Manabi vai construir de Morro do Pilar, na região Central de Minas, até Linhares, no Espírito Santo.

O aval para “arredar” um pedaço da Estrada Real, entre Morro do Pilar e Conceição do Mato Dentro, já foi dado. O Parecer Único (nº 0695698) da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), de 11 julho de 2014, reconhece que o impacto será “irreversível e de alta magnitude”. Mesmo assim, sugere deferimento da licença prévia (LP) do mineroduto. A licença ainda não foi votada devido a vários pedidos de vistas, com questionamentos da viabilidade da obra. Mas voltará para a pauta da Unidade Regional Colegiada Jequitinhonha (URC) do Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam) nesta quinta-feira, dia 6.

O Parecer Único feito por técnicos da Semad, com base em estudos apresentados pela Manabi, explica que a Estrada Real precisará ser “relocada” para dar lugar a uma barragem de empilhamento de rejeitos.

A relocação está entre os pontos que levou o Ministério Público Estadual (MPE) a questionar a viabilidade do empreendimento. Em julho, na primeira tentativa da Manabi de obter a licença prévia, o órgão pediu vistas e impediu a votação.

A Manabi, por meio da assessoria de imprensa, afirma que o trecho foi submetido à avaliação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), foi aprovado por essa autarquia e obteve também manifestação favorável do Instituto Estrada Real (IER). A mineradora garante que o estudo realizado não encontrou nenhum marco histórico no trecho.

No Parecer Único do governo, o IER se manifesta favorável à relocação. Entretanto, este mesmo documento afirma que “a manifestação do Iphan, apresentada em 7 de março de 2014, estabeleceu que aquele órgão não emitiria anuência de qualquer espécie antes da fase de licença de instalação”.

O atual diretor geral do IER, Rogério Mendes, assumiu em fevereiro deste ano e afirma que não sabia do caso. A anuência foi dada na gestão anterior. “Não há estudos aprofundados sobre o impacto cultural da supressão de parte da Estrada Real. A empresa apresenta a anuência do Instituto da Estrada Real, que é um órgão privado de

fomento. Quem tem a competência técnica para avaliar tais impactos é o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha), o que não foi feito. Por isso, pedimos que o Estado não acate a licença sem avaliar melhor esses impactos”, afirma o promotor do MPE de Conceição do Mato Dentro, Marcelo Mata Machado.

Patrimônio – Candidata. A Estrada Real brasileira está sendo avaliada pela Organização das Nações Unidas para Educação e Cultura (Unesco) para se tornar Patrimônio Natural Mundial.

Fonte: O TEMPO Online

18-04/11/2014

Superprojeto está a todo vapor

Empresa diz que operação é chance para melhorar o relacionamento com comunidades

Com o primeiro embarque realizado há dez dias e outros dois previstos para dezembro, o projeto Minas-Rio, que inclui o maior mineroduto do mundo, está em pleno funcionamento. A mineradora Anglo American, dona do empreendimento, enxerga na fase de operação a chance para melhorar a relação com as comunidades afetadas. “Existe um momento muito duro, de muito impacto, e esse momento já passou. Agora, outras coisas começam a acontecer”, diz o presidente da Unidade de Negócio de Minério de Ferro Brasil, Paulo Castellari.

O diretor de desenvolvimento sustentável, Pedro Borrego, acrescenta que, com a redução do número de empregados terceirizados, será mais fácil levar a filosofia da Anglo American à operação. No pico da obra, o projeto chegou a ter 20 mil empregados contratados por cerca de cem empresas terceirizadas. A fase de operação terá cerca de 5.000 empregados, sendo metade diretos e metade indiretos.

“A dificuldade de administrar todos os contratados é muito grande. A fase de operação será a oportunidade para corrigir isso. Agora, as comunidades vão começar a entender o empreendimento como um projeto Anglo American”, afirma.

O Minas-Rio vai produzir 560 mil toneladas neste ano, das quais 240 mil serão embarcadas até dezembro. O restante será enviado para a China e Oriente Médio, os dois destinos da produção, a partir de 2015. No ano que vem, a produção deve ficar entre 11 milhões e 14 milhões de toneladas.

A partir de 2016, o complexo deve atingir sua capacidade máxima, que é de 26,5 milhões de toneladas por ano. A expansão que pode dobrar a capacidade, que estava prevista desde o início, não deve ser tratada antes de 2018, afirma Paulo Castellari.

Até lá, a prioridade é funcionar “de forma segura e responsável” e consolidar a operação.

O Minas-Rio vai produzir minério a um custo entre US\$ 33 e US\$ 35 por tonelada, valor considerado adequado para enfrentar a atual situação de mercado, com preços e demanda em queda. O custo do transporte pelo mineroduto, que já está nessa conta, é de US\$ 2 por tonelada. Se a produção fosse escoada por uma ferrovia, o valor seria de US\$ 10 a US\$ 15 por tonelada. O mineroduto passa por 32 cidades em 529 Km.

Fonte: O TEMPO online

19-04/11/2014

Sema libera mineração no Parque do Cristalino

A condição é que a atividade não cause “dano e/ou impacto direto ou indireto” à unidade

A dois meses do fim do mandato, o governador Silval Barbosa decidiu levar adiante a polêmica medida que autoriza a abertura de garimpos no entorno do Parque Estadual do Cristalino (localizado entre os municípios de Alta Floresta e Novo Mundo, no extremo-norte do Estado).

A alteração no Plano de Manejo da unidade, que é considerada uma das mais importantes reservas de biodiversidade da Amazônia, foi oficializada por meio de uma portaria assinada pelo secretário José Lacerda (Meio Ambiente) e publicada no Diário Oficial.

A partir de agora, os empreendimentos de mineração, antes proibidos na chamada “zona de amortecimento”, passarão a ser autorizados mediante licença ambiental. A condição é que a atividade não cause “dano e/ou impacto direto ou indireto” à unidade.

A medida recebeu o aval do conselho consultivo do parque, que é chefiado pela Sema. Na última reunião, realizada em setembro, a Sema disse que a medida atende a uma deliberação das prefeituras de Alta Floresta, Novo Mundo e Carlinda.

“Não foi a Sema quem propôs a abertura para a mineração (...) e sim uma demanda apresentada pelos órgãos públicos”, disse à ocasião o Secretário Adjunto Wilson Gambogi Pinheiro Taques (Mudanças Climáticas).

O Ministério Público abriu inquérito para apurar se existe algum estudo técnico que ampare a decisão de liberar os garimpos no entorno da unidade. Em junho, uma primeira tentativa de mudar o Plano de Manejo foi barrada após intervenção da promotoria.

“É incrível a dedicação da Sema em liberar atividades impactantes, em vez de zelar pela preservação”, disse o promotor Domingos Sávio Barros de Arruda, em entrevista ao Diário em setembro.

HISTÓRICO

Empresário do setor de mineração, o governador Silval Barbosa foi o autor, quando ainda era deputado, de um projeto de Lei que reduzia em 27 mil hectares a área original do parque. A proposta acabou derrubada pela Justiça.

Em abril, o governo destituiu o conselho consultivo do parque e anunciou uma nova composição para o grupo. Entidades que sempre se posicionaram em defesa dos limites originais da unidade, como o ICV (Instituto Centro de Vida), não foram convidadas.

Para João Andrade, um dos coordenadores do ICV, a “pressa” do governo em alterar o Plano de Manejo é injustificada. “Não existe estudo algum. Como é que vamos medir como será o impacto da mineração? Este processo está errado desde o início”, afirmou.

O reconhecimento do Cristalino como uma área única na Amazônia se deu após o início da produção do plano de manejo da unidade. O trabalho identificou mais de 500 espécies de aves – 50 delas endêmicas, ou seja, de distribuição geográfica restrita –, 43 de répteis, 16 de peixes, 36 de mamíferos e 29 anfíbios.

Fonte: Midia News

20-05/11/2014

Investimentos em mineração melhoram PIB

Projetos como o da Manabi, em Morro do Pilar, levam renda e emprego para pequenas cidades do interior do país

O Banco Central divulgou mais uma estimativa negativa de crescimento do Brasil. No seu último relatório de mercado, do dia 31, a entidade reduziu de 0,27% para 0,24% a expectativa para o avanço do Produto interno Bruto (PIB) em 2014. O resultado seria pior se não fosse a indústria extrativa mineral, que deve terminar o ano com um crescimento acima de 3%, na contramão da indústria como um todo, que registrará recuo de, pelo menos, 2%.

A mineração é responsável direto por milhões em investimentos, milhares de empregos e arrecadação crescente por parte dos municípios produtores. Sobretudo em Minas Gerais, responsável, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM), por 53% da produção brasileira de minerais metálicos e 29% de minérios em geral. Até 2018, os investimentos no setor, em todo o país, chegarão a US\$ 53,6 bilhões. Um dos mais recentes é o projeto da Manabi, orçado em US\$ 5 bilhões, cuja planta será construída em Morro do Pilar, na região do Médio Espinhaço, em Minas Gerais.

O projeto da empresa, que aguarda os licenciamentos ambientais, prevê a produção de 25 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. A Manabi ainda planeja uma solução logística para escoar a commodity. Serão construídos um mineroduto de 511 km, atravessando municípios de Minas Gerais e Espírito Santo, e um porto no litoral norte capixaba, na cidade de Linhares. No pico das obras, a expectativa é para a geração de nove mil empregos, diretos e indiretos. Na fase de operação, serão 1,8 mil postos de trabalho.

“Mesmo com todas as dificuldades no andamento da economia mundial, a mineração ainda se mantém como uma das locomotivas do Brasil”, afirma José Fernando Coura, que está à frente das duas principais entidades do setor no país, como diretor-presidente do IBRAM e do Sindicato da Indústria Mineral do Estado de Minas Gerais (SINDIEXTRA). Ele lembra que, há muito tempo, o setor vem contribuindo de forma decisiva para a balança comercial brasileira. Só no ano passado, por exemplo, o saldo da balança mineral de 2013 foi 12,5 vezes maior que o saldo da balança comercial do país como um todo.

A mineração, segundo o diretor, ainda exerce papel decisivo no processo de interiorização do desenvolvimento econômico. A atividade minerária seria talvez a única chance para pequenos municípios crescerem em arrecadação, que se transformaria, com uma boa gestão pública, em melhor condições de vida para os seus moradores, com mais infraestrutura e saúde. Coura cita Morro do Pilar como exemplo. “A cidade vive um momento histórico, basta ver a expectativa positiva que o projeto da Manabi vem criando. Há possibilidades reais de o município, que hoje tem pouco mais de três mil habitantes, consiga capitanear emprego e renda para muitos, por pelo menos 20 anos”, afirma.

Regulação

Os avanços da mineração no Brasil registrados nas últimas décadas vieram junto com as condicionantes ambientais. Segundo o diretor, embora seja uma atividade impactante, há uma gama de leis e contrapartidas que as empresas precisam cumprir para tirar qualquer projeto do papel. “Desse ponto de vista, é um dos setores mais regulados no país. Nada vai pra frente sem que tenha passado por amplos estudos ambientais”.

Coura reclama, porém, que ainda falta ao setor a aprovação do marco regulatório, em trâmite no Congresso desde 2010. Ele afirma que a possibilidade de ganhos econômicos da mineração para estados e municípios seria muito maior se houvesse uma lei federal mais clara, principalmente em relação a investimentos. “Muitas empresas que querem começar a produzir não conseguem capital por conta da não aprovação do marco. Algo que precisa entrar com urgência na pauta de votação do poder legislativo”, diz.

Fonte: De fato online

21-05/11/2014

Mineradoras planejam ações de adaptação às mudanças climáticas

Empresas mineradoras olham a frente e buscam adaptação

O último mês de setembro foi considerado o mais quente registrado no planeta desde 1880. A constatação é da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA). As mudanças climáticas afetam a todos, inclusive o setor produtivo. Dados como os apresentados este ano pelo Secretário de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Carlos Nobre, mostram que até o fim do século, a temperatura do inverno amazônico deve subir até 6 graus e as chuvas podem reduzir até 45 milímetros. As informações fazem parte do 5º Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC).

A Gerente de Assuntos Ambientais do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM – www.ibram.org.br), Cláudia Salles, acredita que atualmente, independente dos fatores que originam as alterações climáticas, elas são uma realidade. “As empresas vêm trabalhando em formas de adaptação e ajuste a essas necessidades que virão. E aí entra a importância de diferenciar adaptação e mitigação”, ressalta.

Quando tratamos de adaptação, o objetivo é discutir as ações que as empresas executam para se comprometer com a mudança climática. “O primeiro passo é verificar onde está

a vulnerabilidade da companhia face a uma possível alteração no clima. É preciso pensar ainda em estratégias que considerem características nacionais e regionais”, ressalta Cláudia Salles. Dentro dessa estratégia, diversas medidas podem ser listadas: antever uma possível seca; tornar-se mais eficiente no uso dos recursos hídricos e, de forma geral, antecipar o problema e observá-lo como uma oportunidade de desenvolvimento de novas ações e tecnologias.

A Imerys, mineradora que atua com caulim no nordeste do Pará, já está atenta para a reutilização da água, por exemplo. Uma das bacias de contenção da planta da empresa em Barcarena estava temporariamente desativada, e a equipe de Meio Ambiente reaproveitou a água da chuva que ficou no local de forma vantajosa: ela foi direcionada para banheiros, torneiras e demais atividades. “A ação foi tão bem sucedida que alguns estudantes universitários souberam do projeto e nos procuraram para saber mais. Estamos sempre atentos também para o quanto se extrai de água do subsolo, etc. É interessante para a empresa lidar continuamente com o meio ambiente, respeitando sempre seus limites”, explica Nilo Junque, gerente de EHS da Imerys.

“Este tipo de atitude é muito importante, porque à medida que o clima muda, o regime hídrico também se altera. As empresas que já estão cientes disso planejam suas operações levando em conta essa provável mudança na disponibilidade de água”, ressalta Luiz Gylvan Filho, Doutor em Astrogeofísica pela Universidade do Colorado.

Pesquisador titular do Instituto Tecnológico Vale (ITV), Luiz Gylvan estará em Belém para o 4º Congresso de Mineração da Amazônia promovido pelo IBRAM, entre os dias 17 e 20 de novembro. Ele ministrará a palestra magna com o tema “Adaptação aos impactos das mudanças climáticas e os desafios para o setor mineral”. “A ideia é resumir o estado do conhecimento científico sobre as mudanças do clima atualmente: O que sabemos hoje e como as empresas podem levar isso para os seus planejamentos a médio e longo prazo?”, conta.

“Não sai caro para a empresa ter um monitoramento de emissões de GEE. Basta saber que é necessário ter uma boa estrutura e pessoas que trabalhem com a ideia de previsão. É fundamental uma equipe definida, específica, que observe os detalhes de emissão, seja qualificada para agir com eficiência e consiga prever essas possíveis vulnerabilidades”, enumera Cláudia Salles, do IBRAM.

Além da questão da água, ainda há uma série de fatores que as empresas devem levar em consideração no desenvolvimento de suas atividades. No caso de supressões vegetais, por exemplo, é fundamental que haja um Plano de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD). “Na medida em que se diminuem as árvores de uma determinada região, é preciso recuperar seguindo as recomendações dos órgãos ambientais. Na Imerys observamos viveiros, mantemos acordos com a comunidade para a plantação de mudas, recuperação de fauna e flora, entre outras ações. Para isso, temos uma equipe de engenheiros florestais focados nesse aspecto que é a recuperação e restituição à condição original do espaço”, observa Nilo Junque, da Imerys.

Por outro lado, a mitigação engloba as ações que buscam diminuir a quantidade das emissões dos chamados gases de efeito estufa. O pesquisador Luiz Gylvan Filho explica ainda que “a mudança de tecnologia das empresas pode controlar ou limitar a emissão desses gases”.

De acordo com o Carbon Disclosure Project (CDP), Organização Não Governamental (ONG) britânica que trabalha para minimizar as mudanças climáticas e proteger os recursos naturais, cada vez mais investidores e sociedade de maneira geral cobram das empresas uma posição proativa no que diz respeito a mudanças climáticas.

A ONG lançou, em 2013, o relatório CDP Brasil 100, com dados e análises sobre a emissão de Gases de Efeito Estufa e sobre a forma com que as mudanças climáticas vêm sendo tratadas em 51 empresas brasileiras que responderam ao questionário. A Vale S.A. ficou em segundo lugar na lista das empresas líderes em Transparência e Desempenho frente às alterações climáticas.

O relatório mostra ainda que as empresas brasileiras entendem como a maioria dos riscos relacionados às mudanças do clima afeta seus negócios. Os dados mostram que todas as iniciativas de redução de emissões reportadas pelas empresas constituiu um montante superior a R\$ 6 bilhões em 2012.

O relatório também apontou que 55% das empresas que responderam possuem metas de redução de emissões. Para a Imerys, o assunto também já é pauta. “Nós temos um monitoramento ambiental que é justamente para avaliar se estamos emitindo dentro dos padrões permitidos. A última avaliação feita foi em outubro e fazemos sempre pensando a longo prazo”, explica Nilo Junque, Gerente de EHS da Imerys.

O assunto será amplamente debatido no 4º Congresso de Mineração da Amazônia O evento, que faz parte da EXPOSIBRAM Amazônia 2014, maior feira de mineração da Região Norte, está com as inscrições abertas pelo site www.exposibramamazonia.org.br.

Serviço:

EXPOSIBRAM Amazônia 2014

17 a 20 de novembro.

Horários:

Abertura Oficial: 17/11, às 17h.

Exposição Internacional de Mineração da Amazônia: 17, 18, 19 e 20/11, das 16h às 22h.

4º Congresso de Mineração da Amazônia: 18, 19 e 20/11, das 14h às 17h30.

Público-alvo: profissionais, técnicos e estudantes, do setor público e privado, principalmente da Amazônia.

Local: Hangar Centro de Convenções & Feiras da Amazônia – Belém (Pará)

Inscrições pelo site: www.exposibramamazonia.org.br

Fonte: IBRAM

22-05/11/2014

CRICIÚMA RECEBE CURSO SOBRE SEGURANÇA EM MINAS SUBTERRÂNEAS

DNPM realiza etapa de especialização até sexta-feira

Iniciou na última segunda-feira (4), em Criciúma, o curso sobre Segurança em Minas Subterrâneas do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). O coordenador de fiscalização do DNPM, Roger Cabral, fez um balanço dos encontros anteriores e destacou a importância desse tipo de curso para os técnicos da autarquia. Essa etapa, que se realiza em Criciúma de 3 a 7 de novembro, conta com a participação de 22 engenheiros de minas do órgão.

Cabral explicou que esse módulo tem a finalidade de capacitar os técnicos do DNPM para a fiscalização de minas subterrâneas nos aspectos da segurança operacional da jazida em função da estabilidade das escavações, dos tipos de métodos de lavra subterrânea e das condições de saúde e segurança do trabalhador, bem como a gestão para minimização dos principais riscos envolvidos nesta atividade. “O curso visa padronizar os procedimentos durante as ações de fiscalização do órgão nas minas subterrâneas”, afirmou.

O coordenador informou ainda que o encontro vai abordar aspectos técnicos e de segurança operacional dos métodos de lavra atualmente desenvolvidos nas atividades de mineração subterrânea no Brasil e no mundo, com vistas ao aperfeiçoamento das ações de fiscalização do DNPM do Programa de Fiscalização e Controle da Atividade Minerária. “Esse curso propiciará aos técnicos do DNPM o nivelamento de conhecimentos nas tecnologias de extração mineral em ambiente subterrâneo e a padronização de procedimentos nas suas ações de fiscalização da autarquia”, frisou.

Cabral também explica que durante esta etapa, a especialização terá como conteúdo programático noções sobre mina subterrânea, ambiente de trabalho, saúde e segurança (fatores humanos, equipamento e ambiental), tipos de mina subterrânea e métodos de mineração com apresentação dos principais riscos envolvidos em cada situação, conceitos gerais de segurança, gestão de segurança de processos como apoio para incrementar a cultura de segurança na mineração, metodologias para identificação dos riscos, auditoria, legislação, gerenciamento de riscos em mineração subterrânea, gestão de pessoal para a segurança e saúde na atividade de mineração subterrânea.

Fonte: Comunicação DNPM

23-05/11/2014

EMPRESÁRIOS DISCUTEM A AGENDA DO BRASIL PARA OS PRÓXIMOS QUATRO ANOS

Evento organizado pela CNI será realizado amanhã e quinta-feira, 5 e 6 de novembro, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga de Andrade, apresentará um balanço dos avanços alcançados e dos obstáculos que as empresas e o país terão de superar nos próximos quatro anos. A apresentação será feita na abertura do 9º Encontro Nacional da Indústria (ENAI). O evento, organizado pela CNI, que reunirá mais de 1.800 líderes empresariais, começará amanhã, 5 de novembro, às 10h, e prosseguirá até às 15h30 da quinta-feira, 6 de novembro, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília.

Durante o 9º ENAI, os empresários debaterão questões como produtividade, reforma tributária, educação, infraestrutura, relações do trabalho, segurança jurídica e integração do Brasil à economia internacional. Ao final do evento, os empresários apresentarão a Carta da Indústria, com as propostas do setor produtivo ao novo governo.

Depois da abertura, às 12h, os empresários Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do Conselho de Administração do Grupo Gerdau, Luiz Fernando Furlan, integrante do Conselho de Administração da BR Foods, e Gustavo Morelli, diretor da consultoria Macroplan, discutirão estratégias para a implementação da agenda da competitividade no país. A produtividade nas empresas será o tema do painel, que ocorrerá às 14h30 e terá a participação do presidente da Embraer, Frederico Curado, do diretor-superintendente da Brasilata, Antonio Carlos Teixeira Alvares, do presidente do Conselho de Administração da WEG, Décio da Silva, e do presidente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Luiz Barreto.

Ainda no primeiro dia do 9º ENAI, os empresários discutirão propostas para a reforma tributária e o ajuste fiscal. Entre os debatedores, estão os economistas Marcos Luiz Mendes e Bernard Appy e o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), Glauco José Corte. O painel sobre a qualidade da educação terá a participação do empresário Horácio Lafer Piva, do Conselho de Administração da Klabin, e do diretor global de tecnologia da Vale, Luiz Eugênio de Melo.

No segundo dia, os empresários avaliarão as estratégias para aumentar a inserção do Brasil na economia mundial, os caminhos para fortalecer a segurança jurídica, a agenda para a infraestrutura de 2015 a 2018 e as propostas para o país avançar nas relações do trabalho.

Fonte: CNI

24-05/11/2014

Demanda fraca derruba resultado da ALL

Por **Fábio Pupo** | De São Paulo

Em meio a um processo de fusão com a Rumo (do grupo Cosan), ainda sob análise das autoridades, o grupo de ferrovias América Latina Logística (ALL) registrou lucro líquido de R\$ 37,6 milhões no terceiro trimestre de 2014, o que representa uma queda de 55,5% contra o mesmo período de um ano antes. A retração ocorreu mesmo com uma receita líquida maior e foi influenciada principalmente pela demanda limitada em volumes, além de custos maiores e uma perda financeira mais forte.

A receita líquida consolidada foi de R\$ 992,2 milhões, uma expansão de 5,2% na mesma base de comparação. Influenciaram esse número principalmente as operações ferroviárias, com aumento de 4,4% no volume. Mas os ganhos foram limitados por uma tarifa média 3,1% mais alta que um ano antes. Segundo a ALL, o aumento tímido das tarifas foi suportado pelos contratos de longo prazo, já que os de curto prazo sofreram influência da procura mais fraca por transporte. "Como a demanda caiu bruscamente, a pressão natural sobre os preços de frete no mercado spot não ocorreu, levando a uma queda de preço", afirmou a ALL em comunicado.

A pouca demanda levou os preços spot a caírem cerca de 25% no corredor de Bitola Larga (Mato Grosso a Santos) contra um ano antes e mais de 13% em algumas origens do corredor Paraná - seus dois principais corredores agrícolas.

A empresa disse que houve redução dos preços internacionais de commodities e que, por isso, as exportações brasileiras de grãos foram reduzidas. Houve queda no volume transportado de soja (menos 17,8% contra um ano antes) e fertilizantes (menos 6,2%). Milho teve alta de 0,4%, enquanto açúcar registrou aumento de 3,3%; arroz, 28,6%; e farelo de soja, 69,5%.

Já em volumes industriais, houve alta de 1,8% contra um ano antes. Influenciou o aumento de 14,3% em cargas de madeira, papel e celulose e de 21% em contêineres. Mas houve queda de 9,3% em cargas siderúrgicas e de mineração, 50% em alimentos e de 29% em outras cargas.

O Ebitda consolidado subiu 0,9%, para R\$ 508 milhões. Os custos dos bens e serviços somaram R\$ 597,8 milhões, número 14,3% maior. Segundo a empresa, o aumento nesse item foi impulsionado principalmente pelo aumento de 36,4% no aluguel de material rodante, 10,8% na depreciação e amortização e o aumento de investimentos, entre outros motivos.

A despesa financeira líquida dos três meses subiu 25,7%, passando para R\$ 305,1 milhões. Nas ferrovias, a ALL diz que o crescimento reflete principalmente o aumento dos juros, além do crescimento no saldo da dívida média quando comparado ao mesmo período de um ano antes e o aumento da inflação desde o ano passado.

Impulsiona a dívida da companhia o investimento nas ferrovias, que somou R\$ 260,1 milhões no trimestre, 50% mais que um ano antes. Em 2014, já são R\$ 810 milhões, 44% mais que um ano antes. Segundo a empresa, a projeção original de R\$ 800 milhões

em investimentos nas operações ferroviárias em 2014 será ultrapassada e, agora, deve ficar entre R\$ 900 milhões e R\$ 950 milhões.

As operações ferroviárias registraram lucro de R\$ 28,4 milhões, queda de 62% contra um ano antes. A Brado, de movimentação de contêineres, teve lucro de R\$ 9,3 milhões (35% mais na mesma comparação). A Ritmo, de transporte rodoviário, passou de prejuízo de R\$ 100 mil um ano antes para lucro de 1,3 milhão.

25-05/11/2014

Excessivo uso de água subterrânea já é ameaça

Por **Pilita Clark** | **Financial Times**

Os recursos hídricos decisivos de China, Estados Unidos, Índia e outras economias importantes estão diminuindo com tamanha rapidez que a ameaça à segurança hídrica mundial é muito mais grave do que se considera geralmente, advertiu um destacado hidrólogo.

A água armazenada sob a superfície da terra no lençol freático e em aquíferos responde por até um terço dos recursos hídricos usados mundialmente e é a principal fonte de água para mais de 2 bilhões de pessoas. Ela fornece cerca de metade da água de irrigação empregada no cultivo dos alimentos mundiais, e constitui uma reserva especialmente importante durante graves secas, como as que agora assolam a Califórnia e o Brasil.

Mas essa água está sendo extraída tão rapidamente em algumas das regiões mais secas que não pode mais ser reposta facilmente de maneira natural, segundo pesquisa do professor Jay Famiglietti, cientista hidrológico sênior do laboratório de propulsão a jato da Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (Nasa, nas iniciais em inglês), no Instituto de Tecnologia da Califórnia.

"Muitos dos maiores aquíferos da maioria dos continentes estão sendo explorados", escreveu o professor Famiglietti na mais recente edição da revista especializada "Nature Climate Change".

"Sem uma reserva sustentável de água subterrânea, a segurança hídrica mundial corre um risco muito maior do que o reconhecido atualmente", adverte o professor.

Entre as regiões afetadas estão os aquíferos da Planície do Norte da China, das Planícies Altas e do Vale Central nos EUA, da Bacia Canning da Austrália e os aquíferos alojados sob a superfície do noroeste da Índia e no Oriente Médio. Quase todos os aquíferos estão no subterrâneo de importantes regiões agrícolas, o que chama a atenção para os riscos tanto para o crescimento econômico quanto para o meio ambiente.

Na Califórnia, atingida pela seca, por exemplo, as bacias dos rios Sacramento e San Joaquin perdem cerca de 15 mil metros cúbicos de água anualmente desde 2011, mais do que toda a água usada pelos 38 milhões de habitantes do Estado para fins domésticos e municipais em um ano.

O bombeamento da água subterrânea no Vale Central da Califórnia, uma das regiões agrícolas mais produtivas dos Estados Unidos, responde por mais de metade das perdas, diz o professor Famiglietti, que usa dados de satélite da Nasa para especificar as regiões mais dignas de preocupação.

Embora a água subterrânea seja de importância vital, seu monitoramento e gestão são precários, se comparados com fontes de água de maior visibilidade, de reservatórios e rios.

Isso é especialmente verdadeiro nos países em desenvolvimento, e o resultado é uma virtual competição desordenada, pela qual os agricultores e donos de terras podem furar poços na profundidade que quiserem para extrair água.

Em parte do Oriente Médio, do Norte da África e do Sul da Ásia, tornou-se comum perfurar a mais de 2 mil metros de profundidade para alcançar os depósitos subterrâneos, diz o professor Famiglietti.

Alguns países como a Índia subsidiaram, além disso, o custo da energia elétrica necessária para o bombeamento, a fim de impulsionar a produtividade agrícola.

Os esforços para corrigir o problema estão em curso em alguns lugares, como a Califórnia, que poucos meses atrás aprovou nova legislação que exige melhor gestão da água dos aquíferos subterrâneos.

Mas os governos precisam fazer muito mais em termos mundiais para enfrentar o problema, disse o professor Famiglietti, principalmente pelo fato de a mudança climática tender a complicar o desafio nos próximos anos.

26-05/11/2014

Pressão maior levará a pacto climático, avalia Al Gore

Por **Daniela Chiaretti | Do Rio**

(Corrigida em 5/11) Al Gore afirma que em dezembro de 2015, em Paris, o mundo estará pronto para assinar um acordo climático global. A consciência crescente quanto à mudança do clima, o aumento no número de eventos climáticos extremos e a pressão maior da população sobre os governos para que enfrentem o problema serão o pano de fundo de um tratado mundial, diz o ex-vice-presidente dos EUA. "É difícil para nós, como seres humanos e cidadãos de nossos respectivos países, imaginar que o mundo poderia agir em conjunto. Mas precisamos. É o único jeito de resolver esta crise."

Os EUA preparam uma estratégia para participar do acordo global e, ao mesmo tempo, conseguir driblar os congressistas republicanos que são refratários ao tema e barrariam a ratificação de um acordo do gênero no Congresso. Os negociadores americanos têm falado em um acordo "híbrido". Gore dá pistas: "Um dos acordos mais bem sucedidos foi o assinado no Brasil, em 1992, a Convenção do Clima das Nações Unidas. Todas as outras negociações estão sob aquele guarda-chuva." O Congresso americano ratificou a convenção, ou seja, a tornou lei nos Estados Unidos.

O caminho seria atualizar a convenção com os novos compromissos que surgirem do tratado climático de Paris, sem que seja necessário ter de passar por novo crivo do Congresso americano. O presidente Barack Obama, que já conseguiu o aval da Suprema Corte para limitar as emissões de gases atmosféricos que façam mal à saúde, foi bem-sucedido em enquadrar os gases-estufa neste critério.

Na prática, isso significa que o Executivo americano pode tomar decisões de reduzir emissões sem ter que passar pelo Congresso. Esta pode ser a fórmula para remover um dos principais obstáculos a um acordo climático global.

Já há alguns anos, lembra Gore, o presidente americano "tem o dever e o direito de agir" em casos de "poluição atmosférica perigosa". Ele emenda: "Agora os cientistas estão nos dizendo, de maneira clara, que esta [a emissão de gases estufa] é uma forma perigosa de poluição atmosférica, porque ameaça o futuro da civilização. Então, independentemente dos políticos, o presidente pode agir por conta própria."

Al Gore, de 66 anos, que por oito anos foi vice-presidente de Bill Clinton em um dos períodos mais prósperos da economia americana, está no Brasil esta semana para dar o seu 26º treinamento em mudança do clima, iniciativa que vem promovendo ao redor do mundo nos últimos anos. Trata-se do Projeto Realidade Climática que, no Brasil, é feito em parceria com a ONG Amigos da Terra - Amazônia Brasileira, que comemora 25 anos de existência.

Hoje, no Rio de Janeiro, Gore falará sobre clima o dia todo. Na plateia, mais de 800 inscritos, a maioria do Brasil, mas também de outros 52 países. São profissionais liberais, estudantes, banqueiros e bancários, ambientalistas, religiosos, fotógrafos. Na fila de espera havia mais de mil pessoas.

"A pressão dos cidadãos tem que ser mobilizada para convencer os formuladores de políticas a fazer a coisa certa", diz Gore, que pretende envolver o maior número de pessoas possíveis no enfrentamento da mudança do clima. "Escutar este assunto de um amigo, um vizinho ou um colega de trabalho em quem você confia, frequentemente tem mais impacto do que se a informação vier pela televisão", disse ele, em entrevista ao **Valor** na segunda-feira, na qual falou sobre clima e preferiu não tratar das eleições de ontem para o Congresso americano.

Al Gore falou também sobre a seca em São Paulo, o desmatamento da Amazônia e como os californianos estão se adaptando à longa seca que enfrentam em seu Estado. A seguir trechos da entrevista:

Valor: *A síntese do último relatório do IPCC, o Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática da ONU, acaba de sair e suas conclusões deveriam soar um alerta. O sr. acha que isso irá acontecer ou as pessoas estão se acostumando com esse tipo de péssima notícia?*

Gore: Acho que soará um alarme que as pessoas irão escutar porque estão recebendo a mesma mensagem da natureza. Eventos extremos relacionados à mudança do clima tornaram-se uma centena de vezes mais comuns nos últimos 30 anos. Eventos que aconteciam a cada 500 ou mil anos estão ocorrendo com muita frequência. E isso tem chamado a atenção de muita gente que pode ter ignorado o assunto no passado. Então, quando o IPCC divulga um relatório tão poderoso, pessoas que estão buscando explicações prestam atenção. A seca em São Paulo, por exemplo. Cientistas dizem que a Amazônia é a fonte dos chamados "rios voadores" que vêm vindo desde a floresta em direção a São Paulo. Quando as árvores são cortadas ou queimadas a ponto de a Amazônia não ser mais tão saudável como foi isso tem um impacto na transferência de água através do céu para a segurança de São Paulo.

"A pressão dos cidadãos tem que ser mobilizada para convencer os formuladores de políticas a fazer a coisa certa"

Valor: *São Paulo vive uma grave seca e escassez de água. As pessoas estão preocupadas, tentam poupar água, mas não sabem bem o que fazer. O sr. tem alguma sugestão? Poderia comparar com o que está acontecendo na Califórnia?*

Gore: A Califórnia está em uma situação muito similar a São Paulo. 100% da Califórnia está experimentando a seca hoje em dia e cerca de 60% do Estado, de uma forma muito forte. A agricultura está sofrendo impactos, há restrição de água em algumas comunidades e a preocupação de que, se a seca se prolongar, os danos econômicos e na vida das pessoas irão crescer significativamente.

Muito mais gente, como resultado disso, está fazendo conexões com o que os cientistas vêm nos dizendo. Quando a temperatura sobe, o solo fica seco com mais rapidez e as chuvas não têm repostado a água de maneira tão profunda como ocorria no passado. No caso de São Paulo, cientistas relacionam a condição de seca com a destruição de partes da Amazônia.

Nos últimos anos, o Brasil teve êxito em reduzir o desmatamento, mas nos últimos dois anos ele voltou a subir. Com mais gente relacionando o corte e a queimada na Amazônia à redução nos volumes de água em São Paulo, isso resultará em pressão política para parar com o desmatamento e a escassez de água no Estado.

Valor: *A Califórnia tem um plano para se adaptar à seca?*

Gore: Tem, sim. A Califórnia vem exercendo a liderança, entre todos os Estados americanos, de encorajar o uso de energia solar e eólica em vez de queimar petróleo, gás e carvão. É o líder do meu país em promover melhoras de eficiência energética. Tem estimulado novos negócios que invistam em casas e prédios mais eficientes, no maior uso de energias renováveis. A Califórnia está fazendo um trabalho excelente.

Valor: *O que os californianos têm feito contra a seca?*

Gore: Eles adotaram novas medidas buscando mais eficiência para economizar água em períodos de seca e elaboraram prioridades para o uso de água com critérios de justiça para a sociedade.

Valor: *É possível ter um acordo climático forte em Paris, em 2015?*

Gore: Sim, apoio um acordo forte. Tentamos isso no passado e, na verdade, um dos acordos mais bem-sucedidos foi o assinado no Brasil, em 1992, a Convenção do Clima das Nações Unidas. Todas as outras negociações estão sob aquele guarda-chuva.

Algumas pessoas estão desencorajadas sobre as chances do mundo de adotar um novo tratado. Não sou uma delas. Acredito que a demanda do público por ação está crescendo rapidamente e em um ano, em dezembro de 2015, o mundo estará pronto a adotar um acordo forte.

Valor: *O sr. acha que um acordo global é necessário? Alguns acreditam que o acordo não será forte o suficiente, se ocorrer, e que se deveria percorrer outros caminhos.*

Gore: Bem, não tenho certeza que há outro caminho. A crise é global e, por definição, exige uma resposta global. Nós colocamos 110 toneladas de poluição de aquecimento global no céu todos os dias e isso está aumentando. Se a China lançar no céu, irá afetar o Brasil e os Estados Unidos; se os EUA jogarem na atmosfera, afetarão todos os outros países. Então, se apenas alguns países decidirem agir, os outros continuarão a deixar o problema se agravar para o mundo inteiro. É difícil para nós, como seres humanos e cidadãos de nossos respectivos países, imaginar que o mundo poderia agir em conjunto. Mas precisamos. É o único jeito de resolver essa crise.

"No caso de São Paulo, cientistas relacionam a condição de seca com a destruição de partes da Amazônia"

Valor: *O sr. participou de tentativas de acordo no passado. Acha que o momento agora é diferente de Copenhague, em 2009, quando as negociações fracassaram?*

Gore: Sim. Desde Copenhague, o número de eventos climáticos extremos cresceu tão dramaticamente que mais pessoas no mundo enxergam a verdade e estão prontas a insistir para que seus líderes políticos ajam. Há um segundo desenvolvimento dramático desde Copenhague: o custo da eletricidade gerada por painéis solares e geradores eólicos caiu continuamente e agora cruzou um umbral. Em 79 países do mundo, a

eletricidade de painéis solares é agora igual ou mais barata que a eletricidade produzida pelo carvão e outras fontes.

Se sentimos a necessidade de agir e vemos que podemos ser bem-sucedidos na mudança, então isso altera a disposição das pessoas para mudar. E temos que dizer que precisamos nos mexer, porque há oportunidade e porque, se não mudarmos, as consequências serão dramáticas.

Valor: *O senhor acha que mesmo dentro dos Estados Unidos há outra disposição para um acordo global?*

Gore: Sim, acho. A Corte Suprema decidiu que o presidente Obama tem o direito legal de agir por sua própria conta, para reduzir a poluição do aquecimento global. Esta lei passou há alguns anos, dizendo que em qualquer poluição atmosférica perigosa, o presidente tem o dever e o direito de agir. Agora os cientistas estão nos dizendo, de maneira clara, que esta é uma forma perigosa de poluição atmosférica, porque ameaça o futuro da civilização. Então, independentemente dos políticos, o presidente pode agir por conta própria.

Valor: *Se houver acordo global em 2015, por que seu futuro, dentro dos EUA, seria diferente que Kyoto?*

Gore: Aqui está a diferença: a maioria das pessoas agora acredita que é possível adotar mudanças de abordagem no acordo assinado no Rio [a Convenção do Clima], desde que respeitem os compromissos do acordo existente e que já foi ratificado pelo Senado dos EUA. Então o presidente pode agir [negociar e adotar os compromissos do novo acordo do clima] sem que tenha que passar novamente pelo processo de ratificação [no Congresso dos EUA].

Valor: *O problema com os países ricos, em especial os EUA, não é só que consomem muitos recursos, mas também que se tornam o referencial de consumo para o resto do mundo. Se todo mundo quiser consumir como os americanos, precisaremos de outro planeta. Mas como fazer para que os americanos consumam menos, já que o modelo socioeconômico da nossa sociedade os estimula a consumir mais? A mensagem que a população recebe diariamente é que você só é alguém se consumir bastante.*

Gore: Isso está mudando com as tecnologias digitais que nos ajudam a acompanhar nosso uso e desperdício de energia. Estamos vendo um novo padrão, com crescimento econômico sendo desconectado do aumento no consumo de energia. Por exemplo, o número de quilômetros que os americanos costumam dirigir está começando a diminuir. Vemos crescimento econômico sem que o consumo de energia cresça. E os países mais pobres e também os emergentes têm a oportunidade de saltar aquelas velhas e poluentes fontes de energia, que os EUA e outros países ricos usavam anos atrás.

Pense em telefones celulares. Quando eles apareceram nos EUA e outros países, já havia telefones fixos ligados a redes e quando alguém queria um celular era algo

adicional. Mas em países pobres da África e do sul da Ásia, por exemplo, não havia serviço de telefonia algum. Então eles saltaram direto para os celulares. E hoje, na maioria da África, há mais comércio de celulares do que nos EUA ou no Brasil, porque esse é o único telefone que eles têm.

Outro exemplo de como pode ser o futuro: painéis solares estão disponíveis às pessoas, hoje, em países que não têm rede elétrica. É muito caro para países africanos ou para Bangladesh erguer redes de fios de cobre, mas agora painéis solares podem ser vistos em cabanas em vilarejos africanos. Eles nunca teriam eletricidade em pontos tão remotos se não fosse assim. Eles agora têm a oportunidade de desenvolver e aumentar seu padrão de vida sem a poluição que acompanhou o nosso aumento de padrão de vida.

Valor: *Mas e o hábito que temos de consumir muito?*

Gore: Acredito que isso está começando a mudar, principalmente entre as gerações mais jovens. Muitos jovens nos EUA estão decidindo, principalmente se vivem em cidades, a não comprar carros. Eles usam outros modelos, de compartilhamento de carros, por exemplo, que são possíveis de fazer pela internet.

27-05/11/2014

Estoques de minério de ferro crescem na China

Um estudo feito nos 33 maiores portos chineses, mostra que os estoques de minério de ferro estão se ampliando. O volume acumulado nestes portos atingiu 103,44 milhões de toneladas de acordo com a Xinhua-China Iron Ore Price Index .

Analistas acreditam que esse estoque reflita uma desaceleração da economia graças às pressões ambientalistas que estão fechando plantas e usinas siderúrgicas mais poluidoras. Em consequência eles também acreditam que os preços do minério de ferro devem manter a tendência de queda.

Fonte: www.geologo.com.br

28-05/11/2014

Os diamantes do Tapajós

O Tapajós é conhecido mundialmente por abrigar a maior província aurífera do Brasil. Foi o ouro que atraiu milhões de garimpeiros nos últimos 46 anos que, como formigas, criaram milhares de garimpos no meio da selva. Foi o ouro que atraiu as empresas de mineração que descobriram as principais jazidas da região. E foi o ouro que desenvolveu os importantes centros regionais como Itaituba.

No entanto é o diamante que está adicionando uma nova dimensão aos garimpos do Tapajós. O diamante não é uma raridade na história da Amazônia. Importantes

ocorrências de diamantes foram lavradas ao longo do tempo nos Rios Tocantins, a sul e norte de Marabá, no Xingu a leste de Altamira, e em Cachoeira Porteira as margens do Rio Mapuera.

Grandes empresas como a Rio Tinto e a De Beers investiram elevadas somas atrás das fontes primárias desse diamante. Na década de 90 a Rio Tinto cobriu uma boa parte do Tapajós com levantamentos aerogeofísicos e com follow-ups de sedimentos de correntes visando a identificação de diamantes e dos minerais satélites de kimberlitos e lamproítos. Os trabalhos da Rio Tinto mostraram algumas interessantes ocorrências de diamantes e a descoberta de alguns corpos kimberlíticos e lamproíticos.

Os minerais indicadores, que foram formados em grandes profundidades, dentro do campo de estabilidade do diamante, praticamente não foram descobertos. São esses indicadores juntamente com o próprio diamante que realmente interessam ao geólogo de exploração.

Na época a Rio Tinto considerava o fato do Tapajós estar em uma região afetada por um forte magmatismo Proterozóico, o Uatumã, como um ponto negativo. Afinal o magmatismo poderia ter aquecido aquela região crustal inviabilizando o desenvolvimento de jazidas primárias de diamantes. O Tapajós foi colocado em segunda prioridade e a empresa nunca mais voltou, fechando todos os principais projetos de prospecção, alguns anos depois.

Ainda na década de 90 os garimpeiros descobriram diamantes em um garimpo de ouro na Cachoeira Porteira e, mais tarde, nos sedimentos a sudeste de Itaituba. Foi quando foi explorado o primeiro garimpo de diamantes do Tapajós, o estopim das descobertas que vieram a seguir. O que ninguém sabia é que uma boa parte dos aluviões que já estavam sendo lavrados para ouro continham, também, milhares de quilates de diamantes de altíssima qualidade.

Aos poucos alguns garimpeiros mais espertos começaram a adaptar suas obsoletas caixas (sluice boxes) para a recuperação, também, de diamantes. A experiência foi bem sucedida e as descobertas começaram a aparecer, principalmente no interflúvio do Jamanxim e do Tapajós. As notícias atraíram os garimpeiros do Mato Grosso, acostumados a lavras de grande volume, com equipamentos bem mais pesados do que os usados no Tapajós. Esta nova invasão trouxe, também, os experientes garimpeiros da região diamantífera de Juína, que já haviam passado por um ciclo de garimpagem de diamantes.

Não demorou para que mineradores estrangeiros, vindos de Israel, também comesçassem a investir na pesquisa e prospecção dos diamantes do Tapajós. Está formado o quadro atual. Com esse contingente o Tapajós passou a produzir, além do ouro, milhares de quilates de diamantes (oficiais) por semana que aguçam a cobiça de muitos atraindo um grande número de garimpeiros e mais mineradores estrangeiros.

Estima-se que existam, hoje, mais de 2.000 PCs, retroescavadeiras de grande porte, que fazem o trabalho de dúzias de garimpeiros em poucos minutos. A remoção de terra e escavações, geralmente manuais, passaram a ser feitas por equipamentos cada vez maiores. Os grandes rios como o Tapajós estão sendo invadidos por gigantescas balsas de sucção, de 18 polegadas, verdadeiros monstros que sugam milhões de metros cúbicos de sedimentos ricos em ouro e diamantes do fundo dos rios.

Essas balsas são fabricadas em Rondônia e usam motores de 400HP, chegando a custar R\$1.200.000 cada. Algumas já foram adaptadas com caixas para a retenção dos diamantes (foto). Estes gigantesco equipamentos só podem ser utilizados em áreas realmente ricas, pois tem um custo operacional muito elevado, acima de 50 gramas de ouro equivalente por dia.

A invasão dos grandes equipamentos demonstra, na prática, a riqueza dos aluviões que estão sendo lavrados. Será que agora serão descobertas as primeiras jazidas primárias de diamantes no Tapajós?

Segundo o conhecimento geológico atual a região não tem grande potencial para jazimentos primários. Ainda falta um cráton antigo, estável e frio como os que existem em praticamente todas as regiões onde os kimberlitos ricos são encontrados. Um outro ponto que endossa essa hipótese negativa é a quase ausência de diamantes de baixa qualidade. A grande maioria dos diamantes do Tapajós é de qualidade gema: uma boa notícia para os mineradores.

Isso indica que os diamantes foram transportados por grandes distâncias. Ao longo deste transporte as pedras de qualidade inferiores, mais frágeis, se quebram e praticamente, desaparecem. É essa a explicação para a excelente qualidade dos diamantes da costa da Namíbia, que foram transportados pelo rio Orange por centenas a milhares de quilômetros. Talvez seja por isso que não são encontrados os frágeis minerais satélites tão comuns nas proximidades de kimberlitos.

Com ou sem fontes primárias próximas os diamantes do Tapajós já fazem parte da história da região. Eles deverão mudar, mais ainda, o perfil dos mineradores e até da própria comunidade. Em breve veremos a instalação de grandes washing plants equipadas com equipamentos de alta recuperação como os sortex. Esse será o momento em que o profissionalismo tomará conta e que o diamante começará, realmente, a ser recuperado no Tapajós.

Enquanto isso, em Itaituba, motivado pela produção de diamantes, um vereador local já prega que todos os diamantes devem ser lapidados localmente antes de saírem do Tapajós...Realmente, o diamante veio para mudar.

Fonte: www.geologo.com.br

29-05/11/2014

Índia pode se tornar o segundo maior mercado de aço do mundo

A expectativa dos analistas é de que o consumo de aço pelos indianos cresça 5% neste ano. Segundo o Deutsche Bank, se esse crescimento continuar, antes de 2020 a Índia será o maior consumidor de aço do planeta atrás, apenas da China.

O crescimento da Índia será em torno de 5% em 2014. Nos próximos anos é projetado um crescimento acima de 7%, digno da terceira maior economia do mundo, com um PIB acima de sete trilhões de dólares.

O país é uma referência, crescendo aceleradamente apesar de sua gigantesca população que passa dos 1,2 bilhões. O foco do governo está em reformas e megaprojetos de infraestrutura, corredores industriais, transporte e subsídios populistas.

O minério de ferro indiano, produzido nas regiões de Goa e Karnataka é de baixa qualidade, pouco competitivo para conquistar o mercado chinês, mas bom o suficiente para uso nas siderúrgicas internas.

Fonte: www.geologo.com.br

30-05/11/2014

Gerdau corta investimentos e revisa plano para mineração, após queda no lucro no 3º tri

Por Marcela Ayres e Alberto Alerigi Jr. | Reuters

SÃO PAULO (Reuters)- O grupo siderúrgico Gerdau, líder no segmento de aços longos nas Américas, cortou em 12,5 por cento os investimentos previstos para este ano e colocou em revisão plano de ampliação de sua capacidade de produção de minério de ferro, em um cenário de baixa demanda por aço no Brasil e queda no preço da commodity.

A companhia divulgou mais cedo que o lucro líquido do terceiro trimestre caiu para menos da metade do lucro apurado no mesmo período do ano passado, afetado pela fraqueza da economia brasileira e queda na demanda na América Latina, enquanto o resultado financeiro negativo maior pesou por conta da desvalorização do real contra o dólar.

Segundo o presidente-executivo da Gerdau, André Gerdau Johannpeter, o plano de investimento da companhia para este ano foi reduzido de 2,4 bilhões de reais para 2,1 bilhões de reais.

Os investimentos previstos para este ano, mesmo antes da redução, já estavam abaixo da média anual de 2,6 bilhões de reais nos últimos três anos. Nos nove meses até setembro, os investimentos da Gerdau em ativo imobilizado totalizaram 1,6 bilhão de reais.

"O cenário hoje mostra que devemos reduzir esse nível de investimento. Estamos com nível de 70 a 75 por cento de capacidade ocupada no Brasil e no mundo", disse o executivo em teleconferência com jornalistas.

Parte da redução no plano de investimento deve-se à revisão nos estudos da companhia para ampliar sua capacidade de produção de minério de ferro, atualmente em 11,5 milhões de toneladas por ano. A Gerdau vinha há vários trimestres avaliando oportunidades para elevar a capacidade para 18 milhões de toneladas em 2016 e para 24 milhões de toneladas ano em 2018.

A decisão foi ocorreu em um momento em que o preço do minério caiu para o menor nível em mais de cinco anos. Nesta quarta-feira, a commodity era negociada a 76 dólares por tonelada, menor patamar desde junho de 2009. A queda acumulada no ano chega a quase 43 por cento.

Às 13h56, as ações da Gerdau exibiam alta de 0,96 por cento, a 11,55 reais, enquanto o Ibovespa recuava 1,17 por cento.

"Achamos bem-vinda a redução do investimento para este ano. Por meses, alguns investidores vinham questionando o nível de investimento da Gerdau", afirmaram em relatório analistas do BTG Pactual.

Questionado sobre quando uma decisão sobre a revisão dos planos de investimento em mineração será tomada, o vice-presidente financeiro da companhia, André Pires, preferiu não cravar uma data ou dar mais detalhes.

Ele comentou, porém, que a queda no preço do minério deve ajudar a Gerdau a melhorar a competitividade de exportações de tarugo e placas de aço a partir do Brasil.

QUEDA DE QUASE 60%

Entre julho e setembro, o lucro líquido da companhia somou 262 milhões de reais, queda de 59,2 por cento na comparação anual.

O balanço do terceiro trimestre foi impactado por menor geração de caixa, com recuo de 13,4 por cento Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) sobre um ano antes, a 1,224 bilhão de reais, e da margem para 11,4 por cento.

Analistas estimavam, em média, Ebitda de 1,18 bilhão de reais para a Gerdau no terceiro trimestre e margem de 11,2 por cento.

A produção de aço bruto da companhia teve recuo anual 0,8 por cento no período, a 4,5 milhões de toneladas, com as vendas de aço caindo 4,5 por cento na mesma base, a cerca de 4,6 milhões de toneladas, principalmente em função do desempenho no Brasil.

As vendas de aço longo no Brasil no terceiro trimestre caíram 11 por cento sobre o mesmo período do ano passado, para 2,42 milhões de toneladas, segundo dados do Instituto Aço Brasil (IABr) que representa o setor.

O presidente da companhia afirmou que espera que o novo governo tome medidas para melhorar a competitividade do setor industrial.

"Nossa expectativa é que haja retomada do crescimento. Precisamos de medidas que já temos tratado nos últimos anos para dar competitividade ao Brasil (...) Se nada for feito a participação da indústria (no PIB) pode cair abaixo de 10 por cento", disse Johannpeter. Ele citou como exemplos de medidas a reforma tributária, retomada nos investimentos em infraestrutura e redução no custo de capital.

No balanço da Gerdau, o Ebitda das operações brasileiras da empresa teve queda anual de 37 por cento no terceiro trimestre, para 587 milhões de reais, enquanto nas operações na América do Norte o Ebitda cresceu mais de duas vezes e meia, para 337 milhões de reais.

O resultado financeiro da Gerdau também contribuiu para a queda no lucro, ficando negativo em 575 milhões de reais, ante 206 milhões de reais em igual etapa de 2013, principalmente em função da desvalorização do real ante o real sobre a dívida em moeda estrangeira, além de maiores despesas financeiras decorrentes do aumento da dívida bruta.

A Gerdau encerrou o período com dívida líquida de 13,45 bilhões de reais, ante 12,47 bilhões de reais ao fim do segundo trimestre.

31-06/11/2014

PREMIAÇÃO

As Personalidades do Ano do Setor Mineral

Paulo Castellari (Minerais Ferrosos), Tadeu Carneiro (Outros Ferrosos), Hércio Guerra (Metais Preciosos), Tito Martins (Metais Não-Ferrosos), Luiz Eulálio Moraes Terra (Não-Metálicos), Márcio Godoy (Exploração Mineral), Paulo Libânio (Engenharia e Tecnologia Mineral) e Antônio Ermírio de Moraes - In Memoriam (Pioneiros da Mineração) foram os escolhidos como Personalidades do Ano do Setor Mineral de 2014 pelos leitores da revista Brasil Mineral, através de votação direta. A entrega dos troféus será realizada no dia 27 de novembro de 2014, em São Paulo, durante o Forum Brasil Mineral, no qual os premiados debaterão sobre as perspectivas para o setor mineral em seu segmento de atuação com membros do conselho da revista e representantes da imprensa especializada.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 677

32-06/11/2014

VALE

Receita cai R\$ 830 milhões no trimestre

A Vale registrou receitas de R\$ 9,249 bilhões no terceiro trimestre, uma queda de R\$ 830 milhões na comparação com os três meses anteriores. A mineradora afirma que o resultado foi impactado negativamente pelo menor preço de commodities (-US\$ 1,351 bilhão) e positivamente pelos maiores volumes de venda (US\$ 521 milhões). O Ebitda somou US\$ 3,004 bilhões no trimestre, com US\$ 781 milhões – 26% do Ebitda da Vale no 3T14 – provenientes do segmento de metais básicos, em função do recorde de produção de cobre, bem como a melhor produção de níquel para um terceiro trimestre desde 3T08. Nos primeiros nove meses de 2014, a Vale reduziu seus custos e despesas em US\$ 520 milhões e em US\$ 271 milhões suas economias nas comparações dos trimestres de 2013 e 2014. Até setembro, a Vale investiu US\$ 8,232 bilhões, uma queda de US\$ 2,161 bilhões em relação ao mesmo período de 2013. Os investimentos em execução de projetos totalizaram US\$ 5,641 bilhões, decréscimo de US\$ 1,560 bilhão, ao mesmo tempo em que o capex de manutenção totalizou US\$ 2,591 bilhões, queda de US\$ 600 milhões no período comparado ao mesmo intervalo de 2013. O prejuízo líquido foi de US\$ 1,437 bilhão contra lucro líquido de US\$ 1,428 bilhão no trimestre passado. A dívida líquida diminuiu em US\$ 2,156 bilhões desde 30 de junho de 2014, alcançando US\$ 21,034 bilhões. Em 30 de setembro de 2014, a dívida total da Vale foi de US\$ 29,366 bilhões. A produção de minério de ferro alcançou um recorde de 85,7 Mt no 3T14, principalmente devido aos ramp-ups da Planta 2 e de Conceição Itabiritos, enquanto o minério de ferro comprado de terceiros alcançou 2,9 Mt; O volume de vendas de minério de ferro e pelotas foi de 78,1 Mt no 3T14, ficando 1,5% maior do que no 2T14; A produção de níquel alcançou 72.100 t no 3T14, ficando 16,9% acima do 2T14; A produção de cobre chegou ao nível recorde de 104.800 t, ficando 29,3% e 10,8% acima do 2T14 e 3T13, respectivamente; A receita de vendas totalizou US\$ 2,129 bilhões, ficando 12,7% acima do 2T14 devido a melhores preços e volume de venda.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 677

33-06/11/2014

AÇO

Produção mundial alcança 134 milhões t em setembro

Segundo dados da Associação Mundial do Aço (WSA), a produção global atingiu 134 milhões t em setembro, queda de 0,1% na comparação com o mesmo mês de 2013. A produção chinesa alcançou 67,5 milhões t no mês, enquanto os outros países asiáticos, como Japão e Coreia do Sul, registraram 9,2 milhões (- 0,5%) e 5,7 milhões t (+10,1%), respectivamente. Já a produção indiana cresceu 2,5%, para 6,8 milhões t. No bloco da Comunidade Europeia, a Alemanha produziu 3,5 milhões t de aço bruto em setembro, uma queda de 3%, enquanto a Itália cresceu 0,7%, para 2,2 milhões t. França e Espanha contabilizaram baixas de 0,5% e 12,8%, somando 1,4 milhão t e 1,2 milhão t, respectivamente. No mês, a Turquia produziu 2,9 milhões t, 3,1% inferior a setembro de 2013. Os Estados Unidos produziram, em setembro, 7,3 milhões t de aço, 0,1% a menos que no mesmo mês do último ano. Já a produção brasileira teve queda de 3,8%, para 2,9 milhões t de aço. A capacidade de utilização foi de 76,1% em setembro, 2,6% a menos que setembro de 2013, porém 1,9% maior na comparação com agosto deste ano.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 677

34-06/11/2014

ALCOA

Esclarecimentos sobre processos da CFEM

Com relação a matéria publicada na Brasil Mineral Online número 676 sobre processos relacionados com a CFEM no estado do Pará, a Alcoa esclarece que: 1) A base de cálculo da CFEM está relacionada ao valor de consumo (custo de produção) da bauxita e não apenas ao volume de produção. Em função da maior eficiência da mina e do aumento da quantidade produzida de bauxita, houve queda no custo de produção, redução da base de cálculo e, conseqüentemente, da arrecadação da CFEM; 2) que a empresa já possui uma liminar concedida pela Justiça Federal do Distrito Federal, que determina ao DNPM a suspensão não só da exibibilidade de cobrança como também da inscrição da Alcoa junto ao Cadin, porque os valores em questão já estão garantidos em juízo e são alvo de discussão junto ao órgão competente; 3) a informação de que a empresa pode ter seus alvarás de atividade e suas licenças e autorizações de extração de bauxita canceladas não procede. O alvará de funcionamento, concedido pela Prefeitura, encontra-se vigente e a empresa reúne todas as condições para renovação, já que está adimplente com o fisco municipal e a CFEM. Os esclarecimentos foram prestados pelo presidente da Alcoa para América Latina & Caribe, Aquilino Paolucci.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 677

35-06/11/2014

Referendo sobre ouro na Suíça ameaça política do BC

Por **Roberta Costa | De São Paulo**

A Suíça terá, no dia 30, um referendo que pode obrigar o banco central do país (SNB) a elevar sua posição em ouro para 20% do total de ativos detidos nos próximos cinco anos, do nível atual de 7,5%, e impedi-lo de vender o metal a qualquer tempo. Para esse fim, não apenas seriam necessárias compras maciças, como a repatriação de parte de suas reservas alocadas no exterior, fazendo com que a Suíça saltasse, em tese, de sétimo para terceiro detentor mundial da commodity.

Intitulado "Save Our Gold Swiss", o referendo, se aprovado, forçaria a compra de 1.500 toneladas de ouro em média nos próximos cinco anos pela autoridade monetária, segundo cálculos da imprensa europeia.

Sua aprovação impactaria não apenas o preço do metal no mercado global, como colocaria em risco a política altamente expansionista do BC suíço, que visa reduzir a ameaça de deflação no país.

O referendo foi uma iniciativa do partido de centro-direita SVP, que conseguiu as 100 mil assinaturas necessárias, mesmo após a derrota proposta no Parlamento. A última

pesquisa, divulgada na sexta pelo jornal "20 Minuten", aponta que 38% dos entrevistados eram a favor da iniciativa e 47% contra, enquanto 15% permaneciam indecisos.

Apesar da relativa alta aceitação à proposta, o mercado não acredita que o referendo seja aprovado, especialmente porque necessita de "dupla maioria", isto é, ser ratificado pelo eleitorado (5,1 milhões no total) e também pelos cantões suíços (26 no total) - onde claramente o "não" é preponderante.

Mas sempre há o risco de surpresas e, prova disso, é a volatilidade do franco suíço, também embalado pela expectativa em torno da reunião do Banco Central Europeu (BCE) hoje.

Se o ouro se tornar, de fato, um ativo invendável, se transformará em um problema para o BC. A aprovação da elevação do percentual do metal em relação ao total de ativos "destruiria a capacidade de [o banco central] fazer uma política monetária independente", segundo argumentação do próprio SNB, dificultando a manutenção do piso de 1,20 franco por euro estabelecido em meados de 2011 - sua principal ferramenta de política atualmente.

A razão para esse receio é o forte crescimento do balanço patrimonial do banco central nesse período, para próximo de 50% do PIB, segundo cálculos da Capital Economics. Durante esse período, as reservas em ouro do BC suíço caíram de quase 30% para 7,5% do total, enquanto os ativos em moedas estrangeiras cresceram rapidamente. Segundo a consultoria, "a redução da cota de ouro está muito mais relacionada ao aumento dramático da participação de outros ativos, incluindo títulos governamentais e ações estrangeiras, do que à venda do metal".

Portanto, de duas uma: ou o BC reduz seu balanço em moedas estrangeiras ou compra o metal de forma a quase triplicar o volume atual detido, pressionando o preço da commodity no mercado.

Na opinião do Nomura, o BC suíço pode ter que realizar novas compras de moeda estrangeira em defesa do nível estabelecido para o câmbio, o que aumentaria ainda mais seu balanço. Em relatório a clientes, a instituição afirma que, "neste cenário extremo, antes de o requisito mínimo de 20% entrar em lei, o SNB pode acabar em uma situação em que tem de encontrar um equilíbrio entre manter o tamanho do balanço baixo versus defender o nível [do câmbio], posição em que prefere não estar".

A Capital Economics acredita ser improvável a vitória do "sim". Mas, ainda que isso acontecesse, como há o prazo de cinco anos, a economia mundial provavelmente estaria recuperada e o balanço do SNB, portanto, já estaria menor.

36-06/11/2014

Friedland recebe aprovação para a construção da maior mina de platina do mundo

Parece que o que Robert Friedland gosta mesmo de fazer é colecionar as maiores jazidas de classe mundial existentes. Friedland é um empresário da mineração que tem na sua coleção de troféus nomes como os das jazidas de Voisey's Bay Nickel e Oyu Tolgoi Copper. Ele foi dos primeiros donos de junior companies a se tornar bilionário.

Agora, para consolidar mais ainda a sua reputação, a empresa de Friedland, a Ivanhoe, acaba de receber do Governo Sul-Africano a aprovação para o desenvolvimento e lavra do megadepósito de platina o Platreef. Para a África do Sul o Platreef significa empregos e gigantescos investimentos estrangeiros e para a canadense Ivanhoe significa a produção de 785.000 onças de platina, paládio, ródio e ouro por ano. As ações da empresa de Friedland subiram, somente hoje, 12,35% alavancadas pela boa notícia.

Fonte: www.geologo.com.br

37-06/11/2014

POLI-USP ABRE INSCRIÇÕES PARA PÓS EM ENGENHARIA MINERAL

A Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) abriu inscrições para o processo seletivo aos cursos de pós-graduação (strictu sensu) em Engenharia Mineral e de Petróleo no ano de 2015. Elas serão aceitas até o próximo dia 21 de novembro, data limite para o recebimento da documentação necessária ou o comparecimento dos interessados no Departamento de Engenharia de Minas e Petróleo (Cidade Universitária – São Paulo/SP).

As linhas de pesquisa contempladas no programa de pós-graduação abrangem cinco áreas: Lavra de Minas; Tratamento de Minérios; Pesquisa Mineral, Economia Mineral e Caracterização de Matérias Primas Mineraias; Meio Ambiente, Segurança e Higiene Ocupacional; e Óleo e Gás Natural. Maiores informações estão disponíveis no site da instituição de ensino (<http://pmi.poli.usp.br>).

Fonte: bIn The Mine

38-06/11/2014

Vale obtém licença de operação para ampliar cava em Carajás

Reuters

RIO DE JANEIRO (Reuters) - A mineradora Vale obteve licença de operação para a ampliação da cava N4WS localizada em Carajás, no Pará, importante passo para

cumprir o plano de expansão da produção de minério de ferro nos próximos dois anos, informou a mineradora nesta quinta-feira.

Com a licença, expedida na quarta-feira pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o início do desenvolvimento da mina depende apenas da obtenção da autorização de supressão vegetal, a ser dada pelo órgão ambiental.

"A licença obtida suporta o plano de produção nos anos de 2015 e 2016 do complexo minerador de Carajás e é um grande avanço no processo de crescimento da nossa produção de minério de ferro", afirmou a Vale em nota.

A autorização para explorar a cava N4WS faz parte do projeto da Vale para a expansão da produção de Carajás, que já é a principal área mineradora da maior produtor mundial de minério de ferro.

A Vale já tinha uma licença prévia do Ibama para o chamado Estudo de Impacto Ambiental (EIA Global).

O licenciamento prévio do EIA Global, anunciado em agosto, inclui a ampliação das cavas de N4WS, N5S, Morro I e Morro II. As quatro juntas contêm 1,8 bilhão de toneladas de reservas, de acordo com comunicado enviado pela mineradora na época.

No comunicado desta quinta-feira, a Vale disse ainda que continua trabalhando em conjunto com o Ibama e com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) no processo de licenciamento da cava N5S no Sistema Norte em Carajás.

(Por Marta Nogueira)

39-07/11/2014

Vale deve vender carvão de Moatize

O mercado está repleto de notícias sobre a Vale tentando vender de 15 a 25% da Vale Moçambique, a empresa que controla o carvão de Moatize. Em outra ocasião o Presidente da Vale havia dito que a empresa poderia vender até 70% dos projetos de ferrovia e porto, o Corredor de Nacala.

Tudo leva a crer que Moatize está recebendo o beijo da morte e que em breve a passagem da Vale em Moçambique será história. A Vale Moçambique teve um desempenho ruim no trimestre, com um prejuízo de US\$103,5 milhões, que se soma ao prejuízo anterior de US\$142 milhões. A possibilidade de recuperação parece pequena: a

mineradora está com uma margem cada vez menor, espremida por um preço do carvão em queda de US\$120/t.

Fonte: www.geologo.com.br

40-07/11/2014

Projetos ameaçam ecossistemas do Brasil

Por Fábio de Castro | Estadão Conteúdo

Com a possível construção de novas represas e projetos de mineração, atualmente em discussão no Congresso Nacional, diversos ecossistemas em todo o Brasil poderão sofrer graves impactos ambientais e sociais. O alerta foi feito por um grupo de pesquisadores brasileiros e britânicos, em um estudo publicado na edição de ontem na revista Science.

O artigo, intitulado 'Mineração e Barragens Ameaçam a Liderança Ambiental do Brasil', foi elaborado por cientistas ligados à Rede Amazônia Sustentável, que agrega mais de 30 instituições de pesquisa.

De acordo com mapeamento feito pelos autores, várias das áreas de interesse para mineração, assim como os locais onde há projeto de represas, se sobrepõem a áreas protegidas, como parques nacionais, reservas biológicas e terras indígenas.

De acordo com eles, os projetos poderão ser viabilizados graças a esforços orquestrados pelo governo federal e pelo Legislativo para apoiar os setores de mineração e energia, o que inclui alterações na legislação.

Segundo a autora principal do estudo, a cientista Joice Ferreira, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), as iniciativas para mitigação do dano ambiental dos projetos de infraestrutura têm sido tão inadequadas que a aprovação de parcela das concessões para mineração teria impactos enormes, especialmente nos ecossistemas mais ameaçados.

“As propostas de mitigação são insuficientes, porque não levam em conta os impactos indiretos. Esses projetos envolvem o crescimento populacional e abertura de estradas, que comprovadamente abrem novas fronteiras de desmatamento.”

Segundo Joice, o Brasil, que possui mais áreas protegidas no mundo, conquistou nos últimos 20 anos um papel de liderança ambiental mundial que poderá ser comprometido com a aprovação dos projetos.

“Não somos contra o desenvolvimento do Brasil a partir de seus recursos naturais. Mas estamos fazendo um apelo ao governo para que não jogue fora essa liderança ambiental em nome de um ganho a curto prazo. É possível conciliar desenvolvimento e sustentabilidade.”

De acordo com o estudo, em todo o Brasil há 1,65 milhão de quilômetros quadrados de áreas registradas com interesse para mineração, que se sobrepõem a cerca de 20% das áreas de proteção e de terras indígenas. Além disso, a maioria dos sistemas hídricos associada às áreas protegidas será influenciada pela construção de novas usinas hidrelétricas. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

41-07/11/2014

Minério de ferro renova mínima de 5 anos; siderúrgicas chinesas cortam produção

Reuters

CINGAPURA (Reuters) - O preço do minério de ferro caiu nesta quinta-feira e renovou seu nível mais baixo desde 2009, com uma restrição do apetite entre as siderúrgicas chinesas para se reabastecer de forma agressiva.

Isso indica que a cotação na Ásia está propensa a recuar ainda mais em um mercado bem abastecido, disseram operadores.

Os grandes produtores de aço da China, maior importadora global de minério de ferro, reduziram a produção na maior parte de outubro, respondendo à desaceleração da demanda doméstica e aos esforços de Pequim para reduzir a poluição atmosférica antes da reunião desta semana do bloco de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec).

Várias fábricas ao redor da capital foram fechadas para ajudar a limpar a atmosfera para os líderes que estarão presentes.

O minério de ferro para entrega imediata a China caiu 0,53 por cento, para 75,60 dólares por tonelada nesta quinta-feira, o seu nível mais fraco desde junho de 2009, de acordo com dados compilados pelo Steel Index.

Estoques abundantes de minério de ferro nos portos da China, juntamente com o acesso ao crédito mais apertado, desencorajaram as usinas a reabastecer, disse Mark Pervan, chefe de pesquisa da Austrália e Nova Zelândia Banking Group.

"Acho que o mercado não está preparado para se recuperar e a razão pela qual não vai se recuperar é ninguém vai reabastecer de forma agressiva. Eles sabem que há uma abundância de minério de ferro nos portos..., disse Pervan.

O minério de ferro, a mercadoria que fornece a maior parte da receita de mineradoras globais como Vale e Rio Tinto, já caiu mais de 43 por cento neste ano, refletindo um aumento na oferta global em um momento de crescimento mais lento na demanda da China.

O minério de ferro para entrega em maio na bolsa de Dalian caiu 2,1 por cento, para fechar em 506 iuanes (83 dólares) a tonelada. Na Bolsa de Cingapura, o dezembro de minério de ferro caiu 1,1 por cento para 74,70 dólares a tonelada.

O contrato de vergalhão mais negociado na bolsa de Xangai caiu 0,8 por cento, para terminar em 2.526 iuanes por tonelada. Todos os três contratos caíram pela quinta sessão consecutiva.

(Por Manolo Serapio Jr)

42-07/11/2014

Lucro líquido da Noble sobe para US\$ 153,9 milhões no 3º trimestre

Por **Bettina Barros** | Valor

SÃO PAULO - A Noble Group, trading asiática listada na bolsa de Cingapura, registrou no terceiro trimestre deste ano lucro líquido de US\$ 153,9 milhões, uma alta expressiva em relação aos US\$ 22 milhões do mesmo período do ano passado.

Conforme balanço financeiro divulgado nesta manhã pela companhia, o resultado foi impulsionado pelo segmento agrícola, que registrou volumes recordes comercializados e margens maiores. A Noble informou que conseguiu embarcar 71,6 milhões de toneladas de commodities neste terceiro trimestre. No mesmo trimestre de 2013, a movimentação havia sido de 54, milhões de toneladas. Segundo a companhia, isso teve impacto direto no seu faturamento, que subiu 7%, fechando os três meses encerrados em 30 de setembro em US\$ 22,3 bilhões.

Além disso, a Noble atribuiu os bons números à contínua integração entre os ativos de esmagamento de soja em diversos países onde atua, o que ajudou a impulsionar as margens.

No início deste ano, a Noble vendeu sua participação majoritária na divisão de alimentos para a estatal chinesa Cofco por US\$ 1,5 bilhão, de modo a alocar mais recursos no que considera negócios mais rentáveis, como a mineração e a energia.

De acordo com o CEO global, Yusuf Alireza, o lucro do terceiro trimestre “endossa firmemente nossa estratégia de diversificação. Registramos o melhor desempenho na nossa história”.

Com sede em Hong Kong, a trading atua nos segmentos de agricultura, energia, metais e minérios.

43-07/11/2014

ArcelorMittal reverte prejuízo e obtém lucro no terceiro trimestre

Por **Daniela Meibak | Valor**

SÃO PAULO - A maior produtora mundial de aço ArcelorMittal saiu de prejuízo para um lucro de US\$ 22 milhões no terceiro trimestre de 2014. O número é atribuído aos controladores da companhia, base para o cálculo de dividendos.

A receita líquida subiu 2,1%, passando para US\$ 20,067 bilhões nos meses de julho, agosto e setembro. O lucro operacional subiu 101% na mesma base de comparação, passando para US\$ 959 milhões.

O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) foi de US\$ 1,905 bilhão no trimestre, alta de 11,2%. “Os resultados do trimestre mostraram melhora considerável no negócio de aço, o que mais que compensou a queda dos preços do minério de ferro. A Europa mostrou outro trimestre forte, refletindo melhora nas condições do mercado”, afirma a empresa no relatório da administração.

Com base nas condições atuais de mercado, a empresa não prevê uma deterioração no desempenho do quarto trimestre. A siderúrgica reiterou a projeção de Ebitda acima de US\$ 7 bilhões para o ano de 2014.

Produção

A produção de aço bruto da companhia subiu 2,6% entre os terceiros trimestres de 2013 e 2014, passando para 23,9 milhões de toneladas. O embarque do aço subiu 3,9%, para 21,5 milhões de toneladas.

A produção de minério de ferro subiu 6% na mesma base de comparação, para 15,8 milhões de toneladas.

(Daniela Meibak | Valor)

44-07/11/2014

Vale inaugura centro de distribuição na Malásia

Por **Rafael Rosas** | **Valor**

RIO - A Vale inaugurou nesta sexta-feira o centro de distribuição na Malásia, que recebeu investimentos estimados em US\$ 1,37 bilhão. O terminal marítimo Teluk Rubiah, com capacidade de receber e exportar 30 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, entrou em operação, servindo como um posto estratégico da empresa na Ásia para atender aos clientes na região.

Com Teluk Rubiah, a Vale terá a oportunidade de misturar os diferentes minérios dos seus sistemas produtivos, garantindo maior flexibilidade no fornecimento de minério. Teluk Rubiah é capaz de receber navios do tipo Valemax. Dali, o minério segue em navios do tipo Capesize para seus portos de destino.

As operações da Vale em Teluk Rubiah vão gerar aproximadamente 600 empregos diretos e 1.200 indiretos na região. Mais de 90% dos empregados da Vale são locais e 60% ingressaram por meio de programas de treinamento organizados pela empresa com o objetivo de recrutar e treinar recém-formados das comunidades locais.

45-07/11/2014

Já enfraquecido, ouro sinaliza que cairá mais

Por **Joe Deaux** | **Bloomberg**

Embora a depreciação do ouro tenha sido considerável neste ano, o metal continua se tornando mais caro em relação à prata. A razão entre ambos, que agora é a mais alta em cinco anos, é uma preocupação para os investidores em ouro, já que pode sinalizar mais declínios.

"O ouro está sobrevalorizado em relação à prata", disse Yoni Jacobs, estrategista-chefe de investimentos da Chart Prophet Capital. "Parece que o ouro pode cair mais. As pessoas estão percebendo que não é um bom investimento quando os mercados acionários sobem e o dólar está se valorizando."

O metal também continua sendo caro em relação a algumas outras commodities. Na semana passada, sua razão com o petróleo bruto alcançou o maior valor em 17 meses. Mais de US\$ 7 bilhões foram eliminados do valor de fundos garantidos por metais preciosos em duas semanas, mostram dados compilados pela Bloomberg. Na quarta, o dólar atingiu sua máxima em cinco anos frente a um conjunto de dez moedas, e o Federal Reserve (Fed, banco central dos EUA) está cada vez mais perto de aumentar as taxas de juros, o que corroerá a demanda por proteção contra a inflação.

Os preços futuros do metal caíram 6,8% em seis sessões, o maior recuo desde junho de 2013. Os quatro contratos de opções de ouro mais negociados ontem em Nova York foram de apostas em quedas adicionais. Os preços estão caminhando para as primeiras perdas anuais consecutivas desde 1998, depois que alguns investidores perderam a fé no metal como reserva de valor. Nesta semana, as ações dos EUA quebraram recordes históricos.

"O ouro sofrerá ainda mais", disse Graham Leighton, operador da Marex Spectron Group em Nova York. "Não necessariamente isso acontecerá em linha reta, mas com certeza é a tendência. É um resultado da atual preferência pelo dólar".

Ontem, na Comex, divisão de metais da New York Mercantile Exchange, o contrato do ouro para dezembro, o mais negociado, caiu US\$ 3,10 (0,3%) e fechou a US\$ 1.142,60 a onça-troy, menor patamar desde 20 de abril de 2010.

46-07/11/2014

MINERAL RARO É DESCOBERTO EM CRATERA NOS EUA

Pesquisadores descobriram um raro mineral, chamado reidita, na cratera do meteorito Rock Elm, no estado de Wisconsin (EUA). A reidite é uma forma densa de zircão, um dos minerais mais resistentes na Terra. Segundo o geólogo Aaron Cavosie, da Universidade de Porto Rico, essa é a mais antiga amostra de reidita já descoberta. A cratera do meteorito de Rock Elm tem entre 450 e 470 milhões de anos. O mineral, cuja fórmula é $ZrSiO_4$, foi identificado pela primeira vez em 2001 em três locais de impacto de meteoritos: as crateras de Chesapeake Bay, na Virgínia; Ries, na Alemanha, e Xiuyan, na China.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

47-07/11/2014

200 Maiores Minas Brasileiras

A revista Minérios & Minerale e o Sindicato da Indústria Mineral do Estado de Minas Gerais – SINDIEXTRA, com o apoio do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) convidam para o Lançamento da Edição Especial de Premiação das “200 Maiores Minas Brasileiras”.

Este ano, teremos Premiação Especial e Mina de Destaque, que são elas:

Premiações Especiais

Anglo MRN Samarco Vale Yamana – Operações em Fazenda Brasileiro, Jacobina e Maracá	American 35 anos	– do Projeto	Projeto 1º embarque	Minas de Pelotização	Rio bauxita S11D
--	------------------	--------------	---------------------	----------------------	------------------

Minas de Destaque

AngloGold Cadam	–	Ashanti Morro	– do	Cuiabá Felipe
-----------------	---	---------------	------	---------------

Carbonífera	Criciúma	–	Unid.	Mineira	II	–	Verdinho
Cristal		Mineração					Guaju
CSN	–		Casa		de		Pedra
Embu	–	Pedreiras		Embu		e	Itapeti
Ferbasa			–				Coitezeiro
Mineração		Usiminas		–	Mina		Oeste
Pedreiras	Valéria		–	Engenho	do		Buraco
Sama		–		Cana			Brava
Somar			–				Jacuí
Vale		Fertilizantes			–		Tapira
Votorantim		Cimentos			–		Baltar
Votorantim Metais – Buriti							

Premiação Especial de Segurança – Troféu Jonh T. Ryan para a mina Alegria da Samarco

A solenidade será realizada no dia 13 de novembro de 2014, quinta-feira, às 19 horas, no Renaissance Work Center (Rua Paraíba, 550, 5º andar, Savassi) em Belo Horizonte – MG. Após a premiação será servido coquetel de confraternização.